



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TAÍS KAROLINE DA SILVA BARROS

**A REPRESENTAÇÃO E A MATERIALIDADE DO AÇUDE VELHO EM
CAMPINA GRANDE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA GEOGRAFIA HISTÓRICA**

Campina Grande- PB
Março de 2017

TAÍS KAROLINE DA SILVA BARROS

**A REPRESENTAÇÃO E A MATERIALIDADE DO AÇUDE VELHO EM
CAMPINA GRANDE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA GEOGRAFIA HISTÓRICA**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Unidade Acadêmica de Geografia como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho.

Campina Grande- PB
Março de 2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

B277r Barros, Tais Karoline da Silva.
 A representação e a materialidade do Açude Velho em Campina Grande : uma análise a partir da geografia histórica / Tais Karoline da Silva Barros. – Campina Grande-PB, 2017.
 72 f. : il. color.

 Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
 "Orientação: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho".
 Referências.

 1. Memória. 2. Corpos d'água – Campina Grande. 3. Ambiente Urbano. 4. Sociedade-Natureza. I. Carvalho, Luiz Eugênio Pereira. II. Título.

CDU 910:556.5(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: TAÍS KAROLINE DA SILVA BARROS

TÍTULO: A REPRESENTAÇÃO E A MATERIALIDADE DO AÇUDE VELHO EM CAMPINA
GRANDE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA GEOGRAFIA HISTÓRICA

Campina Grande (PB), 22 de março de 2017.

Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Cavalho (UFCG - Orientador)

Prof. Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo (UFCG - Examinador Interno)

Prof. Dr. Thiago Romeu de Souza (UFCG - Examinador Interno)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho em primeiro lugar ao Senhor Jesus pela oportunidade e capacitação ao longo dessa caminhada. Toda honra e toda glória seja dada ao meu Deus. A toda minha família que sempre estiveram ao meu lado, incentivando e contribuindo para conclusão desse curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força, sabedoria e direcionamento concedido principalmente nos momentos mais difíceis ao longo dessa jornada. Pela chance proporcionada e concretização de suas promessas em minha vida.

A toda minha família e familiares em especial ao meu pai José Elias, minha mãe Marluce e meu irmão Felipe que sempre estiveram ao meu lado me fazendo seguir em frente. E nunca deixaram de me apoiar nas ocasiões mais complicadas.

Ao meu orientador o Dr. Prof. Luiz Eugênio Pereira Carvalho, por toda sua paciência, atenção e disponibilidade, não só para realização dessa pesquisa. Mas em toda minha jornada acadêmica ao longo desses quatro anos de curso, sendo um exemplo de profissional ao qual contribuiu bastante para minha formação acadêmica.

A todos os amigos e colegas que a Geografia me apresentou, da minha turma 2013.1 em especial aqueles a quem tive um contato mais próximo: Epídio, Ronaldo, Diogo, Ana Paula, Auxiliadora e Socorro que tornaram essa caminhada mais prazerosa e gratificante. Agradeço também a Yury Lima e Ana Carolina pela ajuda na foto e no abstract do trabalho. Levarei toda turma 2013.1 de Geografia em meu coração cada um de maneira particular e importante tornaram esses quatro anos mais satisfatórios.

Aos integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC) pelas experiências que foram de grande contribuição e conhecimentos vivenciados ao longo desses últimos anos. Em especial a Aline Almeida (Baiana) e Luilton Pereira pelo apoio na concretização desse trabalho.

Não posso deixar de registrar e estender os meus agradecimentos a minha prima Iara Barros, que mesmo distante nunca deixou de demonstrar o seu apoio, as suas mais verdadeiras e sinceras palavras sobre como seria essa experiência acadêmica foram de grande serventia para minha caminhada.

Agradeço também a minha amiga Aline Ferreira que nos momentos, mas difíceis sempre esteve ao meu lado mesmo que distante, sou grata pela sua amizade ao longo desses anos e por sempre confiar e torcer pelo meu sucesso.

Meus agradecimentos a todos os professores e profissionais da Unidade Acadêmica de Geografia que contribuíram para o meu crescimento profissional ao longo dessa caminhada, não citarei nomes porque todos de maneira direta ou indireta deixaram sua contribuição na minha formação acadêmica. A todos os meus agradecimentos...

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz,
tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1- PERCURSOS TEÓRICOS	16
1.1 O Espaço e o Tempo: Geografia Histórica	17
1.2 A cidade como um Híbrido: Representação e Materialidade	21
1.3 O Ambiente no século XX e XXI: a emergência da sustentabilidade.....	25
CAPÍTULO 2- OS DIVERSOS USOS NA REPRESENTAÇÃO E NA MATERIALIDADE DO AÇUDE VELHO	30
2.1 Os usos históricos do Açude Velho	31
2.2 Os atuais usos do Açude Velho no século XXI.....	45
CAPÍTULO 3- A REPRESENTAÇÃO E A MATERIALIDADE DO AÇUDE VELHO EM CAMPINA GRANDE ATRAVÉS DO JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA (1984-1992)	54
3.1 A Poluição do Açude Velho materializando seus usos	55
3.2 A proibição da Pescaria e a transformação da Paisagem do Açude	56
3.3 O lazer no Açude Velho e as tentativas de resgate de uso através das competições aquáticas	58
3.4 Os discursos da modernidade e da preservação histórica – o Shopping Center e o tombamento do Açude.....	60
3.5 As representações sobre o Açude Velho nas décadas de 1970 e 1980: os discursos sobre a Limpeza do Açude Velho.....	62
3.6 Projeto de conscientização sobre poluição do Açude Velho- 2012	66
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
5. REFERÊNCIAS	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A representação do Açude Velho.....	30
Figura 2: Agueiros nas proximidades da Feira Central na década de 1930	32
Figura 3: Uma das fotos mais antiga do Açude Velho	33
Figura 4: Fábricas no Açude Velho no ano de 1938	34
Figura 5: Fábrica SANBRA - 1935	35
Figura 6: Inauguração do cais do Açude Velho em 1942.....	36
Figura 7: Visão aérea do Açude Velho na década de 1950	37
Figura 8: Fotografia noturna do Açude Velho no ano de 1960	38
Figura 9: Pedalinho no Açude Velho no ano de 1970.....	39
Figura 10: Esqui Aquático no Açude Velho no ano de 1975	40
Figura 11: Açude Velho no ano de 1980.....	41
Figura 12: Açude Velho em 2017.....	43
Figura 13: Mapa de localização do Açude Velho- Campina Grande- PB	44
Figura 14: Vista aérea do Açude Velho-2011	45
Figura 15: Mapa de caracterização Geográfica no entorno do Açude Velho- 2017	46
Figura 16: Mau cheiro do Açude Velho	54
Figura 17: Pescaria no Açude Velho	55
Figura 18: Liberação da pescaria no Açude Velho.....	55
Figura 19: Opção de lazer no Açude Velho	57
Figura 20: Tombamento do Açude Velho	58
Figura 21: Shopping no Açude Velho	59
Figura 22: Limpeza do Açude Velho	61
Figura 23: Salvação do Açude Velho	62
Figura 24: Ponte de garrafa pet no Açude Velho	64

RESUMO

Esse trabalho se propõe a apresentar informações sobre as transformações geohistóricas dos corpos d' água de Campina Grande ao longo do seu processo de urbanização, com ênfase para o Açude Velho. Baseado em Swyngedouw (2009), que apresenta a cidade como híbrido entre natureza e sociedade e entre materialidade e representação, as transformações analisadas não são exclusivamente aquelas materiais que mudaram o ambiente urbano, mas também as alterações ocorridas na forma de representação dos corpos d' água. Como metodologia, buscamos documentos ou quaisquer registros referentes à história das águas em Campina Grande mencionando o objeto de estudo, o Açude Velho. As memórias coletivas registradas em livros, revistas, jornais e fotografias foram à base para análise e estudo deste trabalho. As considerações específicas sobre as mudanças socioespaciais do Açude Velho durante os anos 1980 e início dos anos 1990 resultaram da leitura de edições do Jornal Diário da Borborema datadas dos anos entre 1984 e 1992, disponíveis no Museu da Secretaria de Cultura de Campina Grande. Para elaboração desse trabalho contou-se também com o auxílio do debate teórico sobre a Geografia Histórica, através de escritos como o de Abreu (2014), Pereira (2006). Conclui-se, com esse trabalho, que, ao longo do tempo, o Açude Velho foi mudando o seu uso inicial ao deixar de ser um reservatório de abastecimento d' água e outras finalidades foram sendo estabelecidas. Evidenciou-se significativas mudanças na materialidade do Açude Velho e seu entorno, essas mudanças estão diretamente relacionadas à mudança de representação da importância do Açude Velho para a sociedade campinense. No entanto, há, neste momento histórico do início do século XXI, a construção de uma nova representação do Açude Velho mais diretamente relacionada ao surgimento de construções e novos usos dados ao entorno do que a questão da qualidade de suas águas.

Palavras-chave: Memória; Corpos d' água; Ambiente Urbano; Sociedade-Natureza.

ABSTRACT

This paper proposes to present information on the geohistorical transformations of the waterbodies of Campina Grande throughout its urbanization process, with emphasis on the Açude Velho. Based on Swyngedouw (2009), which presents city as a hybrid between nature and society and between materiality and representation, the analyzed transformations are not exclusively those material that have changed the urban environment, but also the changes that occurred in the form of representation of waterbodies. As a methodology, we searched for documents or any records related to the history of the waters in Campina Grande that mentioned the object of study, the Açude Velho. The collective memories recorded in books, magazines, newspapers and photographs were the basis for the analysis and study of this work. The specific considerations about the social and spatial changes of Açude Velho during the 1980s and early 1990s resulted from the reading of editions of *Jornal Diário da Borborema* dating from 1984 to 1992, available at the Museum of the Secretary of Culture of Campina Grande. For the elaboration of this work, we also had the help of the theoretical debate on Historical Geography, through writers such as Abreu (2014), Pereira (2006). It is concluded with this work that over time the Açude Velho changed its initial use by not being a reservoir for water supply and had other purposes established. There have been significant changes in the materiality of Açude Velho and its surroundings, the changes are directed to the change of representation of the value of Açude Velho to Campina Grande society. However, there is at this historic moment of the beginning of the 21st century, a construction of a new representation of Açude Velho which is due to the development of constructions and new uses around the environment and not due to the water quality.

Keywords: Memory; Waterbodies; Urban Environment; Society-Nature.

INTRODUÇÃO

Ao nos referirmos ao processo de urbanização das cidades brasileiras, além de estarmos nos referindo a um crescimento exagerado dessas cidades também estamos abordando uma relação estreita e importante entre a presença da água e o desenvolvimento dessas cidades. Sendo que ao longo do século XX e XXI o debate envolvendo a água na cidade vai se tornando menos sucedido, o que antes era motivo de crescimento e evolução, aos poucos também vai sendo esquecido.

A cidade de Campina Grande apresenta também esta mesma realidade. Seus corpos hídricos importantes para o processo de crescimento e consolidação urbana, aos poucos foram perdendo visibilidade e importância econômica e social. Este processo espaço-temporal de mudanças da cidade e de seus corpos d'água é o que nos guia para a preparação desta pesquisa.

Consideramos também como proposta teórica o que é refletido por Swyngedouw (2009) considerando a cidade como híbrido, ou como sionatureza urbana, como ambientes formados a partir de combinações de construções socioambientais que foram produzidas historicamente tanto em termos de conteúdo social como de qualidades físico-ambiental. Considera, ainda, a realidade material e representação como elementos que compõem a dinâmica de contradições, tensões e conflitos da sionatureza urbana nos corpos hídricos.

A problemática envolvendo a água é uma questão socioambiental e assunto de grandes discussões em todo o mundo. Além de ser uma questão mundial também se trata de um problema em escala local. Carvalho (2011, p. 9), baseado nas ideias de George Martine, lembra que os problemas ambientais podem ser classificados: os problemas globais e os problemas locais. Sendo estes, os locais, de mais fácil identificação, delimitação e resolução.

Portanto, vale ressaltar a questão dos corpos d'água em uma escala local, também sendo de grande importância. Ou seja, é possível discutir sobre um problema partindo de uma esfera mais geral para uma mais específica de determinada localidade. Como é o caso dos corpos hídricos envolvendo as questões socioambientais na cidade de Campina Grande.

Nesta pesquisa propomos uma discussão sobre a qualidade ambiental de Campina Grande através da análise da relação da sociedade campinense com seus corpos d'água, fazendo uma busca geohistórica dos elementos que trouxeram transformações para o Açude

Velho com o processo de urbanização. Centra-se, assim, na temática de como ocorreu o processo de construção do espaço urbano de Campina Grande considerando os debates da qualidade ambiental da cidade através da análise do seu corpo d' água.

Essa pesquisa justifica-se devido ao interesse obtido pelo tema durante a experiência enquanto estudante da Iniciação Científica. Como também, nas discussões e estudos realizados no Grupo de pesquisa e estudo sobre Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC), orientado pelo Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho. Esta iniciativa já vem realizando outras ações que tem como objeto principal o debate sobre os corpos d' água na cidade de Campina Grande.

Esse trabalho também tem como justificativa à busca de melhoria na qualidade ambiental dos sistemas hídricos do espaço urbano de Campina Grande, tomando como referência o Açude Velho. A importância dessa temática para uma boa relação entre o indivíduo e o meio, a necessidade de um debate envolvendo os corpos d' água contribuirá para uma maior conscientização e cuidados devido com os recursos naturais.

Além de aproveitar o momento de importantes inovações no planejamento urbano brasileiro, com destaque para as discussões e visibilidade da sustentabilidade urbana, assim contribuindo para a ampliação da incorporação dos elementos naturais na formação do pensar a cidade. A nova qualidade de um pensamento sobre a cidade desse momento deve considerar a integração da dimensão ambiental à dimensão urbana. Deste modo, entender os fatores geohistóricos e os processos ligados à urbanização que levaram às modificações no Açude Velho deve ser parte fundamental para o desdobramento de intervenções sustentáveis inovadoras e conseqüentemente a melhoria do sistema ambiental da cidade, envolvendo o Açude Velho e os moradores com interação satisfatória.

Especificamente para a Geografia, essa temática tem grande importância, devido à transformação do espaço causado pela sociedade. Sendo o espaço eixo principal de estudo da Geografia, a construção do espaço urbano deve considerar as mudanças ocorridas em seus corpos d' água. Afinal, os métodos de investigação da Geografia, em interdisciplinaridade com a História, podem identificar as mudanças e transformações dos corpos hídricos.

Diante de tudo isso, este trabalho teve como objetivo principal identificar as transformações e permanências da materialidade e da representação do Açude Velho em Campina Grande- PB. Para auxiliar nessa busca, apontamos como objetivos específicos: a) Discutir as noções da Geografia Histórica como caminho para o resgate da memória das

idades; b) Refletir sobre o ambiente levando em consideração os debates envolvendo a sustentabilidade; e c) Analisar mudanças e permanências da materialidade e da representação do Açude Velho de 1984 a 1992, através dos registros encontrados no Jornal Diário da Borborema.

Para alcançar os objetivos propostos a pesquisa está estruturada em 3 capítulos, além desta Introdução. O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico expondo o pensamento de alguns teóricos que fundamentam o tema, englobando o Espaço e Tempo: Geografia Histórica; a Cidade com híbrido: representação e materialidade; e o ambiente nos séculos XX: a emergência da Sustentabilidade.

O segundo é um capítulo metodológico, que nos faz analisar a construção da cidade a partir das transformações dos seus corpos d'água. Inicialmente nos aproxima da necessidade de identificação da materialidade desses corpos d'água em tempos passados.

Surgiram então algumas perguntas: Quando o Açude Velho foi construído? Com qual finalidade? Qual finalidade o Açude tem atualmente? São mantidas as mesmas finalidades do início da sua construção? Essas e outras perguntas nos guiaram para a construção desta pesquisa. No entanto, não é apenas a materialidade da cidade que nos interessa. O discurso sobre o Açude Velho também nos ocasionou especial curiosidade para abordagem do tema.

Na busca para estas respostas, esse estudo inicialmente teve como base o procedimento de caráter documental. Segundo Bravo (1991), documentos são todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver. Nesta percepção é possível apontar vários tipos de documentos: os escritos; os numéricos ou estatísticos; os de reprodução de som e imagem; e os documentos-objeto.

Deste modo, as discussões teóricas foram realizadas para apropriação de debates sobre a Geografia Histórica, além da análise da cidade como híbrido entre materialidade e representação. As referências bibliográficas foram pensadas e refletidas em trocas de conhecimentos e conceitos que serviriam para norteamento à pesquisa.

A fundamentação bibliográfica fundamenta-se no materialismo histórico, justificando, pelo fato do mesmo, permitir comparações e relações entre o passado e o presente, assim, aceitando um entendimento quanto às transformações e relações sociais entre a representação e a materialidade.

A pesquisa específica histórico-geográfica do Açude Velho realizada em revistas, livros e noticiários. Primordialmente no acervo do Jornal Diário da Borborema de Campina Grande, foram pesquisadas as edições deste periódico entre os anos de 1984 a 1992 disponibilizados pela Secretária Municipal de Cultura de Campina Grande. Neste mesmo acervo ainda foram analisados livros, revistas, materiais específicos sobre o município de Campina Grande que pudessem contribuir na pesquisa.

Após o contato com os documentos históricos pesquisados foi feita a separação e identificação dos temas abordados sobre o Açude Velho. Em seguida, os textos dos noticiários, juntamente com os livros e revistas encontradas foram analisados um a um para identificação dos discursos e materialidades presentes, além de suas transformações ao longo do tempo.

Além disso, foi realizada visita de campo na área de estudo, com intuito de um contato mais próximo com o objeto estudado, e uma verificação e validação dos estudos realizados antes em gabinete. Método que permite uma compreensão, mas realista do nosso objeto de estudo. Como ressalta Gil (2008) a pesquisa de campo procura o aprofundamento de uma realidade específica.

O terceiro capítulo finaliza o trabalho expondo os resultados e discussões sobre a importância do Açude Velho para Campina Grande, seus diferentes usos do Açude ao longo do tempo. Apresentando, através dos noticiários no Jornal Diário da Borborema (1984-1992), o caminho percorrido entre materialidade e discurso, que se torna marcante na transformação de qualquer paisagem e na produção do espaço geográfico.

Vale ressaltar que a materialidade está presente não apenas nas intervenções físicas no Açude e seu entorno, mas podendo ser percebida também na reconfiguração da paisagem. O discurso também apresentado pode acabar por transformar a paisagem do Açude Velho através da mudança de uso de suas águas. Pensando a cidade com um híbrido, levando em consideração toda dinâmica dos seus reservatórios para construção desse pensamento.

Para isso, também deve ser refletida a questão da sustentabilidade em inclusão com a questão ambiental dos corpos hídricos de Campina Grande, tudo o que foi visto através dos jornais resulta das representações sociais sobre a natureza ao longo do século XX, que valorizou mais as construções artificiais, das cidades, por exemplo, do que a preservação e manutenção dos elementos naturais.

CAPÍTULO 1- PERCURSOS TEÓRICOS



Fonte: Henriques Santos (2012)

[...] “podemos reconstruir, e conseqüentemente teorizar, o processo de urbanização enquanto um processo político-ecológico tendo a água como ponto de partida”.

(SWYNGEDOUW, 2009, p. 113)

CAPÍTULO 1

PERCURSOS TEÓRICOS

Neste capítulo iniciaremos abordando discussões relacionadas à Geografia Histórica para entendimento sobre a memória das cidades, além da compreensão entre as ciências Geografia e História. Em seguida refletiremos sobre a cidade híbrida sugerida por Swyngedouw (2009). E por fim, compreenderemos questões sobre o meio ambiente com ênfase para o termo sustentabilidade no século XXI.

1.1 O Espaço e o Tempo: Geografia Histórica

A importância da Geografia Histórica como ramo de conhecimento se dá na medida em que resgata a história da memória das cidades. Como afirma Pereira (2006, p. 17) “A interação do espaço e do tempo está no cerne das discussões de várias ciências humanas, porém com destaque na Geografia e História”. Sendo assim, a Geografia se liga ao estudo do espaço enquanto a História ao estudo do tempo. Ambas as disciplinas têm uma ligação e se tornam complementares quanto as suas necessidades para um estudo mais detalhado e aprofundado sobre a dimensão espaço- tempo.

Relacionar a Geografia e a História ainda se torna um trabalho intenso, desde o início da consolidação dessas ciências. São diversos os autores, em seu tempo e com suas contribuições que se arriscam no intuito de um trabalho esforçado e eficaz para o desenvolvimento de ambas as ciências, em uma tarefa conjunta ao analisar o espaço-tempo.

Alguns estudiosos as consideram como ciências-irmãs, que se complementam capazes de auxiliarem uma a outra. Mesmo assim, ainda são poucas as pesquisas acadêmicas que abordam essa interação e a dimensão espaço-temporal.

A Geografia sempre se mostrou preocupada com o estudo do homem no espaço, com trabalhos e pesquisas atingindo essa temática. Enquanto a História se mostra interessada em entender os eventos passados que algumas das vezes deixaram registros e marcas no espaço.

Como assegura Soja (1993, p. 18) “o espaço ainda tende a ser tratado como fixo, morto e não-dialético, e o tempo, como a riqueza, a vida, a dialética o contexto revelador de teorização social crítica”. Mediante essa afirmação, também se pode dizer que até hoje, em algumas ocasiões ainda é possível observar fortemente esses pensamentos

desenvolvidos em pesquisas. Como se o espaço tivesse que ser analisado e compreendido sem a presença do homem e de todo estudo histórico que envolve o seu processo de formação.

Sabemos ainda, que são muitas as definições e conceitos a serem defendidos sobre o que se trataria de fato a Geografia Histórica. Alguns pesquisadores defendem que se trata do estudo do passado, de como ocorreram às mudanças no espaço. Existem outros que se referem como uma disciplina complexa, não tendo seu objeto de pesquisa definido. São diversificadas as concepções que envolvem a Geografia Histórica nos dias atuais, um assunto transversal visto em diferentes dimensões e vertentes.

No texto “A memória das cidades” o professor Maurício de Almeida Abreu (2014) escreve sobre a importância da integração entre o conhecimento da História do “passado” e a Geografia do “presente”, para a elaboração de trabalhos sobre a Geografia Histórica. Além disso, ressalta que uma não vai limitar a outra, não se trata de um campo singular de estudo, mas sim a convergência de pluralidades.

Sendo o passado a base para a Geografia Histórica, com afirma Abreu (2014) “o passado é a dimensão mais importante da singularidade”, portanto os registros, as marcas do passado estão de alguma maneira materializada na paisagem. Permitindo uma compreensão no presente a partir do que antes foi esse “passado importante”.

Piellusch (1975, p. 210-211 apud PEREIRA, 2006) constata que a:

Geografia Histórica é a fusão entre as dimensões tempo e espaço da existência humana, sendo a única posição que oferece uma junção significativa entre o passado e futuro. A reflexão é produtiva quando vai além de gerar apenas nostalgia, gerando também um entendimento do passado que possibilita ao homem planejar o futuro

Diante disso, percebe-se a necessidade de um entendimento do passado para percepção de como ocorreram às mudanças e transformações do presente. Possibilitando até mesmo uma reconstrução dessas mudanças, obtendo assim um maior aprimoramento no campo de estudo ao qual essa disciplina faz parte. Para o geógrafo em particular, permite o entendimento dos conceitos geográficos em uma abordagem da configuração e dimensão no espaço-tempo.

O geógrafo deve focalizar seus questionamentos também no passado, com isso, discutir seus procedimentos metodológicos, suas conceituações e suas abordagens. Apresentar um entendimento relevante sobre o presente e o passado, para que contribua na compreensão do homem envolvido diretamente com o meio.

Pensar e pesquisar sobre o espaço ao longo dos tempos não tem um caminho único de identificação das marcas de outros tempos que ainda permanecem na paisagem. Ou seja, pesquisar sobre os corpos d'água, no nosso caso, deve considerar como eles eram em outros tempos e como chegaram até os dias atuais. Sobre isso, é possível perceber que:

o fundamental é que nos conscientizemos que o resgate da memória das cidades não pode se limitar à recuperação das formas materiais herdadas de outros tempos. Há que se tentar dar conta também daquilo que não deixou marcas na paisagem, mas que pode ainda ser recuperado nas instituições da memória” (ABREU, 2014, p.38).

O resgate histórico além de se dar a partir das observações ou de documentos preservados de histórias da cidade e/ou marcada em sua paisagem, pode se mostrar também por meio das lembranças, de relatos dos moradores que convivem ou conviveram em determinada época.

Também é importante ressaltar que os documentos servem de exemplo da memória histórica da cidade. Abreu (2014, p. 37-38) apresenta bem a noção de memória coletiva para afirmação da história da cidade ao afirmar que:

As memórias coletivas se eternizam muito mais em registros, documentos, do que em formas materiais inscritas na paisagem. São esses documento que, ao transformar, a memória coletiva em memória histórica, preservam a memória das cidades (ABREU, 2014, p. 37-38)

Como definição desse tipo de registros, Pollak (1989, p. 9) também afirma que a memória é uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (1989, p. 9), portanto ficarão guardados nas memórias dos indivíduos os eventos que acarretaram algum marco importante seja esse fato em uma memória coletivo ou individual.

O trabalho com à Geografia Histórica permitirá ao pesquisador uma enriquecedora fonte de informação e diretrizes no modo de se pensar quanto ao presente e passado. Um bom entendimento quanto à base teórico-metodológica da Geografia Histórica permite que o trabalho possa caminhar de forma mais segura para a clareza científica e o alcance de seus objetivos. A Geografia Histórica também necessita de uma metodologia que seja capaz de juntar diversos estudos históricos. Sendo assim, Abreu (2014 apud PEREIRA 2006, p. 26) delineou algumas alternativas:

Para se estudar o passado dentro da Geografia é necessário, primeiramente, aceitar que existam Geografias do passado; não ter a pretensão de resgatar totalmente o passado, pois se conhece mais que o passado, quando se sabe o que veio depois do acontecimento tratado. Ao mesmo tempo em que se conhece menos, pois os documentos retratam apenas os que seus escritores desejam.

Dessa maneira, o passado estará sempre em processo de reconstrução, não é algo limitado, mas que pode ser redescoberto, reinventando e interpretado em diferentes diretrizes. Vai além do que se sabe sobre o passado, e além daquilo que nos é proporcionado, já que os documentos históricos muitas das vezes estarão escritos com as visões, opiniões e concepções dos seus próprios escritores. Portanto, isso não deve se tornar limite ao geógrafo, mas o mesmo deve ser capaz de sobrepor esse ponto de vista e ir além do que lhe é oferecido.

A Geografia Histórica auxilia em um entendimento quanto às mudanças geográficas ocorridas no nosso objeto de estudo através do tempo. É notória a compreensão espaço-tempo de fatos que acarretaram ou contribuíram para a memória das cidades, com a presença do tempo na História para compreensão do espaço da Geografia.

Para Ferro (1940, p. 63-64 apud PEREIRA 2006, p. 17):

O espaço assume formas diversas ao longo do tempo, devido à aceleração das comunicações, por efeitos dos progressos na técnica dos transportes e da abertura de novas vias, mas também – e mais radicalmente – do próprio interesse (maior ou menos ou deveras insubsistente) que nutrem as várias sociedades humanas pela travessia de um ‘certo’ espaço. E, sempre nessa perspectiva, ocorrerá ajustar – conforme os períodos históricos considerados- o espírito da investigação, e o modo de conduzi-la, às transformações verificadas no objeto de estudo para além da adaptação à contínua evolução do filão cultural que constitui a matriz da nossa civilização

Portanto, é perceptível que o espaço assuma uma variedade proveniente do que o homem irá lhe atribuir no decorrer do tempo e do momento ao qual determinada forma no espaço irá ser assumida. Tendo como incumbência as transformações e modificações, além das adaptações e evoluções ao se trabalhar com o resgate passado permitido na Geografia Histórica para respostas no presente e possíveis hipóteses no futuro.

Ressalvando também o papel que assume o tempo em todo esse contexto que envolve a Geografia Histórica, nos apropriarmos do que afirma Santos (1999, 159-160)

O tempo como sucessão, o chamado tempo histórico, foi durante um longo período considerado como base do estudo geográfico. Pode-se, todavia perguntar se é assim mesmo, ou se, ao contrário, o estudo geográfico não é muito mais essa outra forma de ver o tempo como simultaneidade, pois não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja idêntico para todos os homens, empresas e instituições

Diante disto, percebermos toda dimensão que abrange o que esse autor irá considerar como “tempo de sucessão” e “tempo simultâneo”, tempos esses com mudanças diversas sobre o espaço em um tempo abstrato ou/e concreto. Necessariamente não se tornando semelhante em todo o espaço, havendo variação e mudança no estudo geográfico.

Essa influência mútua entre espaço e tempo está no centro das discussões que emergem com a Geografia Histórica. Como já mencionadas sendo essas duas dimensões “espaço” e “tempo” o ponto chave de um estudo que tem como objetivo a compreensão de determinado elemento no presente. Levando em considerações fatores e mudanças ocorrentes em todo seu processo de formação ou processo de urbanização com é o caso do nosso estudo sobre os corpos d’água.

Para uma interação entre a Geografia Histórica envolvendo o debate sobre os corpos hídricos nos utilizaremos de uma reflexão proposta por Swyngedouw (2009). Quando o autor cogitar sobre a cidade com um híbrido, ao qual será aprofundado no item posterior.

1.2 A Cidade como um Híbrido: Representação e Materialidade

Tentaremos abordar nesta ocasião uma reflexão embasada por Swyngedouw (2009) onde o autor em seu texto “A cidade com um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização- ciborgue” nos faz refletir a cidade como um ambiente híbrido.

Associada à análise espaço-temporal proposta pela Geografia Histórica, nossa proposta teórica considera a cidade como híbrido, ou como socionatureza urbana. Como ambientes formados a partir de combinações de construções socioambientais que foram produzidas historicamente tanto em termos de conteúdo social como de qualidades físico-ambiental. Considera, ainda, a realidade material e representação como elementos que compõem a dinâmica de contradições, tensões e conflitos da socionatureza urbana.

Ressaltando isto, Swyngedouw (2009) afirma que:

(...) a produção da natureza (espaço) transcende condições e processos meramente materiais, mas está relacionada à produção de discursos sobre a natureza (principalmente por cientistas, engenheiros e profissionais afins), por um lado e por outro, de poderosos símbolos e imagens inscritos nessa coisa chamada natureza (...) (SWYNGEDOUW, 2009, p. 103/4).

Santos, (1999, p. 82) apresenta posição semelhante ao propor a análise simultânea do mundo da matéria e o mundo do significado humano. Para nós, inicialmente, cabe enfatizar o caráter processual de produção do híbrido, da cidade. Considerar “o mundo como um processo histórico-geográfico de perpétuo metabolismo no qual processos sociais e naturais se combinam num processo de produção de socionatureza” (SWYNGEDOUW, 2009, p. 105).

O processo de mudança socioambiental transforma tanto o ambiente social como o “físico” e produz novos ambientes sociais e físicos com novas características. Mudanças ambientais e sociais são codeterminantes entre si (CASTRO; KAIKA; SWYNGEDOUW; 2002 p. 3 apud CARVALHO 2011). Então, essa mudança socioambiental tem relação que envolve diretamente a vida do homem e o meio em que vive, não estando uma separada da outra.

Baseado em Swyngedouw (2009, p.105), que apresenta também a cidade como híbrido entre natureza e sociedade e entre materialidade e representação, as transformações analisadas não são exclusivamente aquelas materiais que mudaram o ambiente urbano, mas também as alterações ocorridas na forma de representação dos corpos d’água.

Swyngedouw (2009) no encoraja quando afirma que “podemos reconstruir, e consequentemente teorizar, o processo de urbanização enquanto um processo político-ecológico tendo a água como ponto de partida” (SWYNGEDOUW, 2009, p. 113).

A Geografia tem importante papel na análise do processo de urbanização, pois, ao pensar na relação entre o ambiente e sua relação com a sociedade que o transforma, nos aproximamos de uma das definições desta ciência. O processo de urbanização em Campina Grande analisado a partir das transformações dos seus corpos d’ água pode servir como exemplo deste tipo de relação entre o homem com o meio.

Afinal, são diversos fatores (naturais e sociopolíticos), responsáveis por definir esse processo de formação do urbano e suas transformações ao longo dos tempos. Tentarmos aqui reconstruir o processo de construção do espaço urbano campinense por meio das mudanças ocorridas em seus corpos hídricos.

No caso da urbanização brasileira há uma relação importante entre a presença da água e o crescimento das cidades. No entanto, o rumo predatório – social e ambiental – que as cidades brasileiras seguem, especialmente ao longo do século XX, fez com que as águas na cidade já não sejam bem vistas e muito menos bem cuidadas (MARICATO, 2001, p. 69).

A cidade de Campina Grande apresenta também está mesma realidade. Os seus corpos d’água, também importantes para o processo de crescimento e consolidação urbana, aos poucos vão perdendo visibilidade e importância econômica e social. Este processo espaço-temporal de mudanças da cidade e de seus corpos d’água é o que também nos guia para a elaboração desta pesquisa. Ou seja, quando nos debruçamos sobre a história dos corpos d’ água na realidade estamos relacionando também a história deles com a sociedade

campinense. Como a sociedade se relaciona e os eventos ocorrentes nessa dinâmica natureza- sociedade/ meio- homem.

A cidade é o melhor exemplo de como as forças antrópicas de transformações do próprio ambiente se desenvolvem. São as diferentes formas do ser humano reconstruir a si mesmo e como essa relação entre a representação e materialidade dos seus corpos hídricos estão incluídos com essa construção e/ou reconstrução.

Swyngedouw (2009) define a cidade, em particular, como uma coisa híbrida, simultaneamente natural e social, mecânica e orgânica. Insistir na transcendência de binarismos através de linguagens e neologismos que mantenham a dialética do processo relacional permite um melhor entendimento e construção de uma narrativa dos processos e interações. Para Swyngedouw (2009, p. 103) “o processo de produção da socitynatureza inclui processos materiais (edifícios e novos materiais genéticos) bem como múltiplas representações simbólicas e discursivas da natureza”.

Essa mistura conceitual que Swyngedouw (2009) apresenta do que seria a cidade com um híbrido nos remete a uma gama de vertentes que irão sustentar uma visão quanto à flexibilidade existente nessa temática. Na produção da socitynatureza em seus múltiplos aspectos que liga tanto o material quanto a discurso a respeito dos corpos d' água.

É isso que nos afirma mais uma vez Swyngedouw (2009), quando nos permite refletir como um copo de água poderia trazer à tona um grande fluxo de história para uma cidade como um híbrido. Todo o processo que envolve a água dentro da cidade, a circulação nas torneiras, da fonte onde ela está presente no interior da cidade. Entre outros fatores que nutrem o pensamento de que a história de uma determinada cidade pode ser lembrada por meio do hídrico que a mesma possui ou possuía ao longo de seu processo de construção.

Swyngedouw (2009) ainda nos remete a pensar essa cidade como o copo de água para que seja levando em consideração também a sua importância, sua escassez, aspectos que nos leva a cogitar esse desgaste exagerado que o nosso planeta vem sofrendo no século XXI.

Um dos recursos mais importante e necessário ao ser humano para sua sobrevivência, muitas das vezes é deixado de lado ou até mesmo esquecido, sem os devidos cuidados e auxílios necessários para tornar as águas da cidade preservada e resguardada. Como é o caso dos corpos d'água em Campina Grande, que aos poucos vão

perdendo suas finalidades primordiais e dando lugar ao uso inadequado e esquecimento notório.

Swyngedouw (2009), além disso, nos demonstra que nessa mesma circulação da água irá servir de estudo para várias áreas do conhecimento, seja ela a Geografia Física, a Paisagem Material, o Simbólico e Cultural. Até mesmo o poder nos possibilita um resgate histórico da cidade, já que em um dado período de tempo, a água era tida como símbolo de poder e capital para a elite, que se tornava capaz de usufruir de um recurso não tido por muitos e necessários a toda sociedade.

Essa cidade também vista como uma rede de processos humanos, naturais, reais, ficcionais, mecânicos e orgânicos como mencionado por Swyngedouw (2009) entendemos então que são diversos os dinamismos ocorrentes de vários processos sociais e naturais que contribuíram para a construção da cidade em redes.

Swyngedouw (2009, p.100) aborda direcionamento sobre a cidade:

Observando mais de perto [...], a cidade e o processo urbano são uma rede de processos entrelaçados a um só tempo humanos e naturais, reais e ficcionais, mecânicos e orgânicos. Não há nada “puramente” social ou natural na cidade, e ainda menos antisocial ou antinatural; a cidade é, ao mesmo tempo, natural e social, real e fictícia. Na cidade, sociedade e natureza, representação e ser são inseparáveis, mutuamente integradas, infinitamente ligadas e simultâneas; essa “coisa” híbrida sócio natural chamada “cidade” é cheia de contradições, tensões e conflitos.

Nessa visão de Swyngedouw (2009), teremos um direcionamento quanto à importância da abordagem híbrida da cidade com a natureza, permitindo assim para a representação dos corpos hídricos, tendo a problemática da qualidade ambiental da água ligada à produção do espaço, estando ambas vinculadas. A representação e materialidade dos rios urbanos refletem nos impactos ambientais e sociais no espaço.

Gorski (2010) compreende-se assim que materialidade e discurso sobre as questões ambientais e sociais no ambiente urbano, são os meios com os quais podem demonstrar uma representação positiva dos cursos d'água. A materialidade são os elementos geomorfológicos e a representação a construção humana, do discurso com a relação natural, social e simbólica que a sociedade tem com os seus reservatórios. Na construção da sócio- natureza urbana, ao que afirma Carvalho (2011, p. 6):

[...] embora a análise se prenda ao “produto” ou a “coisa”, algum tipo de conhecimento transformador só pode ser produzido a partir da reconstrução do seu processo de produção, ou seja, a produção da sócio-natureza dos rios urbanos pode ser baseada na construção de uma arqueologia de seu metabolismo socionatural de como se deu, e de como se dá a produção de sua socionatureza. [...] Do mesmo modo o ser rio da cidade e suas representações também são inseparáveis e mutuamente integrados, ou seja, as questões materiais e de

representação do rio aparecem como pontos de inter-relação entre suas várias histórias.

Desse modo, é notório que o processo de produção da representação dos corpos hídricos urbanos compreende também da reflexão abordada por Swyngedouw (2009), da cidade híbrida. A cogitação entre discurso e materialidade para um resgate em meio à interação entre a sociedade e natureza, demonstrando a importância que as ações nos corpos d'água podem transformar a representação desse corpo hídrico na sociedade (CARVALHO, 2011).

O caminho da materialidade pressupõe a produção de representações que promovam o resgate da identificação de aproximação social dos corpos d'água urbanos e ainda promova uma renovação simbólica que possa despertar o desejo de sua preservação pelo uso sustentável dos cursos d'água urbanos.

Então, se o corpo d'água tem uma conservação relevante, se torna atrativo à sociedade para uma aproximação e convivência. O que se torna material refletirá diretamente ao discurso da sociedade campinense.

Para isso, também é preciso entender todo debate que envolve o meio ambiente nos últimos séculos, já que os corpos d'água têm uma ligação direta com esse meio. Então ressaltaremos no próximo item uns dos debates mais atuais sobre a questão do meio ambiente, que é a discussão sobre a “sustentabilidade” nos séculos XX e XXI.

1.3 O Ambiente no século XXI: a emergência da sustentabilidade

O século XX é um século marcado pela superioridade da ação humana sobre a natureza, que acaba por deixar marcas no espaço-tempo, o que pode ser percebido também na representação e materialidade nos seus corpos d'água.

Pensando em mudanças para esse cenário de perdas ambientais, já no limiar do século XX e início do século XXI, a temática ambiental ganha força no cenário mundial. Com projetos, discussões, pesquisas, debates e estudos que visam amenizar ou até mesmo por um fim aos problemas ambientais ocasionado pelo uso exagerado e descontrolado dos recursos naturais.

É visível que no século XXI, talvez, nenhum conceito tenha sido tão debatido, discutido ou citado em tantos trabalhos e pesquisas, como vem sendo os termos e conceitos de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade. Hoje, considerado um assunto

transversal, complexo e abrangente, com diferentes olhares e interpretações tem ganhado destaque e visibilidade cada vez maior na sociedade.

O termo sustentabilidade surge no cenário internacional pela primeira vez no Relatório Brundtland, documento produzido a pedido da ONU em 1987, que apresentava o seguinte entendimento sobre sustentabilidade, “a satisfação das necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem suas próprias necessidades.” (ALMEIDA, 2007, p.217).

Para refletimos o que seria essa satisfação na aquisição dos recursos ambientais no presente sem comprometimento das gerações futuras. Abordaremos a interação inseparável que deve haver entre o homem e a natureza, ao qual nos afirma Sólido (2013, p. 182):

Atualiza-se um reposicionamento do pensamento ético contemporâneo, que passa a considerar o relacionamento dos indivíduos com o seu entorno. Estabelece-se, portanto, uma relação triangular, que contempla a relação dos indivíduos entre si (sujeito/sujeito) e a relação desses mesmos indivíduos com a natureza (sujeito(s)/ natureza). O que até a primeira metade do século XX poderia ser entendido como “o homem dono da natureza”, podendo extrair dela tudo o quanto lhe aprouvesse, passou a ser entendido como “o homem como parte da natureza”, que dela deve extrair apenas o necessário à sobrevivência.

Sendo assim, quando levamos em consideração os corpos d’ água estamos nos voltando à dinâmica que os mesmos têm com a sociedade campinense, nessa relação, mas atual “o homem como parte da natureza”. Não sendo mais “o homem dono da natureza” usufruindo dos seus recursos naturais de maneira exagerada e desequilibrada. Na importância da preservação e qualidade ambiental das águas para esse equilíbrio no meio ambiente como sendo o homem integrante desse processo.

Percebemos que essas mudanças de termos vão mudando a partir da necessidade que se tem de uma adequação ao cenário social que está sendo vivenciada. Se aos poucos a escassez dos recursos naturais se torna notória, a busca de uma solução que amenize essa situação também é evidenciada.

Sólido (2013, p. 182- 183) ainda nos afirma:

Hoje, a sustentabilidade surge como marco zero para a construção de um novo modelo de sociedade, com competência para garantir a sobrevivência do homem e da natureza, como um único sistema. Pensar a sustentabilidade requer, portanto, um movimento na direção de mudar comportamentos culturais e desenvolver um sistema econômico mais justo e humanitário, enlaçado a uma política que represente a sociedade civil como um todo, com os mesmos direitos e deveres.

Como podemos perceber, o caminho da sustentabilidade depende de uma desestruturação da maneira com se deram as relações vividas até aqui, a busca de soluções que proporcionem uma nova organização na sociedade de forma igualitária para

sobrevivência da natureza. É necessário, além disso, a mudança no modo de comportamento do homem, havendo uma maior conscientização quanto à utilização necessária dos recursos disponíveis. A preservação e cuidado no modo de agir, tendo em vista que as suas ações terão consequências diretas sejam elas positivas ou negativas no meio em que vive.

Assegura também Acsehrad (2009, p. 44) “sustentabilidade é vista como “um princípio em evolução”, “um conceito infinito”, “que poucos sabem o que é”.

Podemos utilizar de uma conceituação de Mikhailova (2004, p. 25-26), quando nos diz:

Em seu sentido lógico sustentabilidade é a capacidade de se sustentar, de se manter. Uma atividade sustentável é aquela que pode ser mantida para sempre. Em outras palavras: uma exploração de um recurso natural exercida de forma sustentável durará para sempre, não se esgotará nunca. Uma sociedade sustentável é aquela que não coloca em risco os elementos do meio ambiente. Desenvolvimento sustentável é aquele que melhora a qualidade da vida do homem na Terra ao mesmo tempo em que respeita a capacidade de produção dos ecossistemas nos quais vivemos.

Portanto, o termo sustentabilidade defendido por Mikhailova (2004), nos dá a idéia de algo duradouro, conversado, que não coloca em risco o meio ambiente. É pensado como uma alternativa de mantimento dos recursos e conservação para geração futura. Além da melhoria da qualidade dos corpos d’água e na relação do homem com esses corpos hídricos, já que a qualidade de vida está diretamente ligada à vida do homem no planeta.

O termo sustentabilidade e as atuações estão provocando agitações, é na atualidade como afirma Almeida (2007), um termo “revolucionário”, ou seja,

Subverte a ordem estabelecida ao sacudir conceitos arraigados, redefinir hierarquias e trazer para frente do palco temas e personagens antes relegados aos bastidores. A sustentabilidade mexe com as estruturas de poder. Além de exigir o equilíbrio de objetivos econômicos, ambientais e sociais, operar na sustentabilidade implica atuar num mundo tripolar, em que poder tende a se repartir, de maneira cada vez mais equilibrada, entre governos, empresas e organizações da sociedade civil. (ALMEIDA 2007, p.129)

Nesse sentido, sustentabilidade, apresenta-se como um conceito amplo, na estruturação de poder entre os indivíduos envolvidos. Neste caso, Almeida (2007) apresenta uma conceituação um pouco diferenciada, abrangendo os governos, empresas e a sociedade civil. Para um ambiente equilibrado, sendo pensado quanto aos seus resultados para as gerações futuras, deve ter essa atuação entre esses três pilares para um mundo tripolar como mencionado.

Para uma vida sustentável, e um equilíbrio favorável ao meio ambiente, é necessária uma participação conjunta de toda sociedade. Essa tão mencionada sustentabilidade que é esperada, não irá surgir de uma hora para outra, mas de todo esse processo e esforço em prol de um mesmo objetivo, que seria esse o de tornar um meio ambiente ecologicamente sustentável.

No caso para os corpos d' água da cidade de Campina Grande, o trabalho deve ser ao mesmo tempo coletivo, visando desde os órgãos competentes e responsáveis pela questão hídrica, até a sociedade civil que tem uma ligação direta e cotidiana com os reservatórios. Todo empenho é válido, ao darmos conta que não é possível viver separado do meio ambiente, então todo processo deve ter uma responsabilidade antes de tudo individual do cidadão campinenses com seus reservatórios.

No Brasil, o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado é direito humano, essencial à garantia do direito à vida, conforme prescreve o art. 225 da Constituição Federal de 1988, a saber:

Artigo 225 – Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (Constituição Federal , 1988).

Dentro desse termo legal já percebemos a necessidade do surgimento dos debates sobre a sustentabilidade. Pode-se dizer também que o seu surgimento dessas discussões foi para a busca da construção e do fortalecimento individual e coletivo da necessidade de um meio ambiente equilibrado e preservado para todos.

Ferreira (1998) afirma em seu livro “A questão ambiental: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil” que:

o padrão de produção e consumo que caracteriza o atual estilo de desenvolvimento tende a consolidar-se no espaço das cidades e estas se tornam cada vez mais o foco principal na definição de estratégias e políticas de desenvolvimento (FERREIRA, 1998).

Termos assim, que o padrão de vida do homem irá afetar diretamente na dinâmica urbana, portanto determinando o processo de planejamento urbano. Daí a importância de busca maneiras e alternativas sustentáveis que possam contribuir para esse processo de construção benéfica entre o homem e os corpos hídricos.

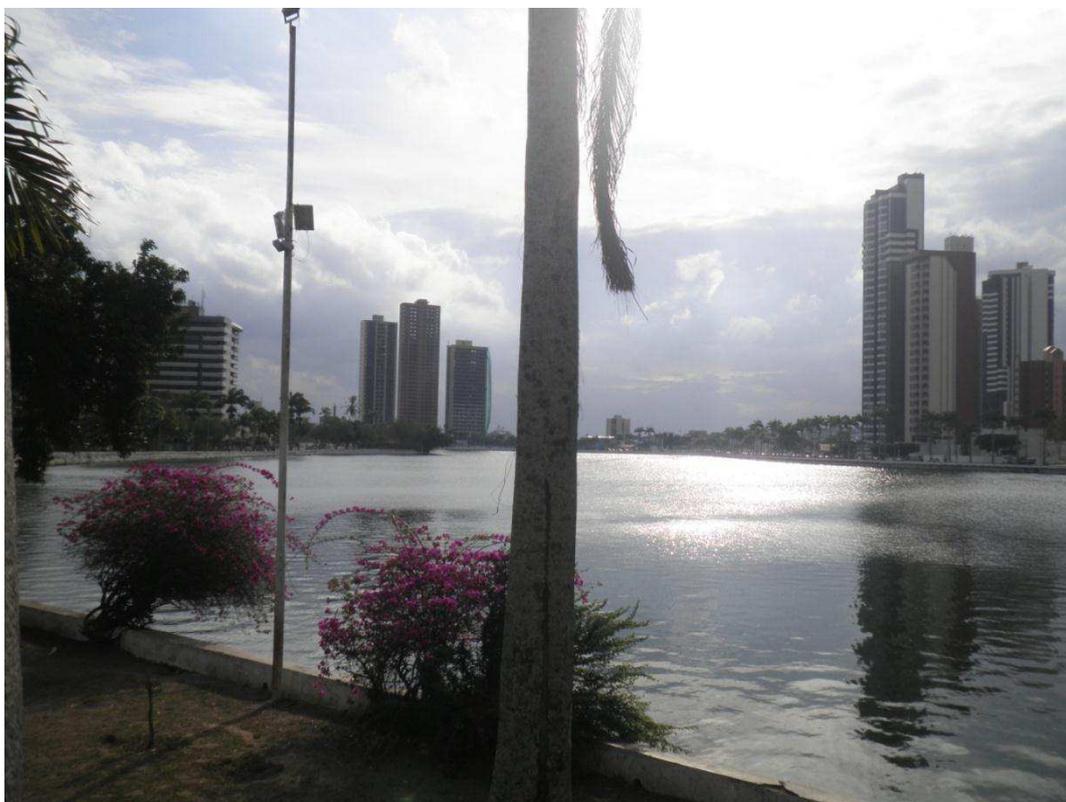
Para um “mundo sustentável” é necessário à procura de soluções para conservação ambiental, de suprir as necessidades e demandas do ser humano sem

degradação ambiental. São estratégias e metodologias ambientais capazes de complementa os corpos d' água em um método sustentável e ecológico.

No nosso caso, o Açude Velho existe todo um envolvimento das mudanças na sua representação e materialidade para sociedade campinense em determinadas épocas. Mas o debate envolvendo a qualidade das águas no reservatório, se a mesma teve alguma modificação no decorre dos tempos ainda é pouco ou se quer notada. Então isso nos permite refletir que as mudanças notadas no entorno do Açude Velho, são no aspecto físico do ambiente. E não nas águas do reservatório em si, como objeto principal e primordial para o seu desenvolvimento.

No próximo capítulo apresentaremos um histórico sobre o Açude Velho, para compreendermos no decorre dos anos como vem sendo representado e materializado o reservatório até os dias atuais. Os eventos e acontecimentos que mudaram ou remodelaram a paisagem no entorno do manancial. Em seguida, os atuais usos do Açude Velho e suas imediações, para uma maior compreensão da representação e materialidade atual.

CAPÍTULO 2- OS DIVERSOS USOS NA REPRESENTAÇÃO E NA MATERIALIDADE DO AÇUDE VELHO



Fonte: Taís Barros (2015)

E o Açude Velho pergunta:
Onde estão os banhistas?
Onde estão os pescadores?
Onde estão os que saciaram a sede e mataram a
fome com os peixes das minhas águas?

Wilson Monteiro

CAPÍTULO 2

OS DIVERSOS USOS NA REPRESENTAÇÃO E NA MATERIALIDADE DO AÇUDE VELHO

Neste capítulo serão abordados diferentes usos do Açude Velho e suas diferentes funções ao longo do tempo na cidade de Campina Grande. Refletiremos sobre a representação e a materialidade no Açude por consequência desses eventos e acontecimentos.

Para isso, iniciaremos com uma abordagem proporcionada pela Geografia Histórica, um resgate de episódios passados envolvendo esse corpo hídrico, vale ressaltar que os acontecimentos que serão apresentados não seguem uma linha cronológica de tempo. E por fim apresentaremos como está o Açude Velho e suas imediações no século XXI.

2.1 Os usos históricos do Açude Velho

O Açude Velho teve a sua construção iniciada no ano de 1828, pelo governo provincial paraibano. Trata-se de um corpo hídrico, hoje, localizado no centro da cidade de Campina Grande-PB, no estado da Paraíba. Foi inicialmente uma fonte de abastecimento de água para a cidade e regiões circunvizinhas, criado a partir da calamidade estabelecida pela seca que devastou o Nordeste, nesse período. Diante da escassez nesse período o reservatório era tido como solução para amenizar o problema da seca daquela época.

O historiador Elpidio de Almeida apresenta o seguinte fragmento:

Campina não era simplesmente um ponto, um lugar de descanso para os animais e tropeiros. Mas a estalagem, a parada obrigatória, um ponto terminal da longa caminhada. Aqui se operavam as permutas, as trocas comerciais. Vendiam-se os produtos do Sertão, principalmente algodão, couro e queijos, e compravam-se as mercadorias para o abastecimento da zona seca, em maior quantidade gêneros alimentícios de preferência rapaduras e farinha de mandioca. (ANUÁRIO de Campina Grande-1982)

Percebe-se, então, que Campina Grande era um lugar de descanso para os viajantes, e suprimento das necessidades de cessar a sede dos animais no reservatório. Além de se tornar também um ponto de encontro para o comércio, uma localidade que envolvia a troca e venda de mercadorias em suas imediações. O Açude Velho, em sua materialidade, do início da sua construção, estaria envolvido nessa realidade por demanda de água para os que ali moravam e para os que ali passavam.

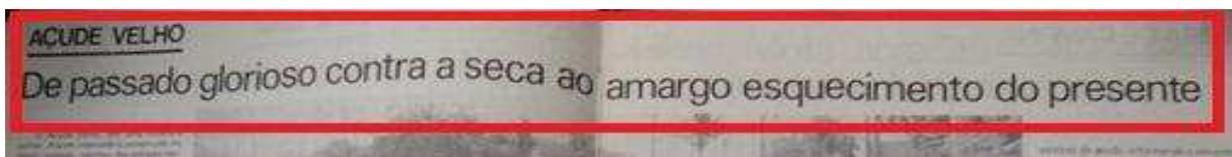
O historiador Elpídio de Almeida também relembra trecho de um editorial do jornal “Correio de Campina”, em que eram especificados alguns benefícios que a construção do Açude poderia trazer à cidade de Campina Grande e municípios circunvizinhos, em que expõe:

o Açude Velho torna-se mais e mais digno da solicitude dos poderes públicos. Nossas prensas hidráulicas, nossa iluminação elétrica, nossos trens, nossa indústrias, tudo depende de sua existência. É sua água, realmente, que satisfaz tamanhas necessidades, possibilitando esses largos surtos de progresso, de que justamente nos orgulhamos. (ANUÁRIO de Campina Grande-1982)

Portanto, verifica-se que esse corpo d’água poderia ter também outras contribuições específicas para cidade de Campina Grande que vai além de amenizar a seca do ano de 1924.

É perceptível que o cenário do Açude Velho em uma visão temporal tem a sua materialidade variante, isso em particular quando se analisa a figura 1, que apresenta a manchete de matéria na Revista Atual, de 1989.

Figura 1: A representação do Açude Velho



Fonte: Revista Atual, Outubro de 1989.

Pensar em toda essa dinâmica que engloba o Açude Velho é levar em consideração também os fatores aos quais levaram a escassez dos seus benefícios, assim como pensar sobre a mudança em sua materialidade e representação.

As representações e os usos do manancial vão mudando aos poucos. O que antes era apresentado como “glorioso”, já que era visto como saída para a dificuldade da seca naquela época vai sendo esquecido ao longo do tempo e perdendo seus valores iniciais.

O Açude Velho, no ano de 1989, noticiado na matéria acima se trata de um Açude com cenário alarmante já que esse esquecimento significou conseqüentemente, a mudança para usos menos nobres, como é o caso da poluição. Por outro lado, a matéria da revista já indica certa preocupação quanto ao uso do manancial. Assim, considerando outras matérias jornalísticas catalogadas apresentamos a seguir outras reflexões sobre as transformações do Açude Velho.

Como nos afirmam alguns estudiosos, o processo de urbanização também está ligado as suas redes hídricas, e não é diferente com a cidade de Campina Grande.

A importância das águas pode ser verificada na história do município desde os seus primeiros povoados, assim como ocorreu em todo o processo de ocupação do atual Estado da Paraíba, onde os rios constituíram as principais vias de colonização do seu interior. A facilidade de circulação e a distribuição de águas condicionaram a ocupação das margens fluviais e produziram o “povoamento de ribeira”, isto é, a instalação de grandes fazendas de gado ao longo dos rios. (LIMA et al., 2013, p. 17)

Sendo assim, os corpos hídricos têm grande importância para o desenvolvimento de uma determinada localidade. Inicialmente nos primeiros povoados essa ocupação se dava as margens dos rios, tínhamos então os ribeirinhos como suas habitações, seus meios de sobrevivência. Ou seja, o condicionante “água” já era contribuinte ao processo de urbanização.

A cidade de Campina Grande teve seu surgimento por meio da rota dos viajantes que vinham do sertão em direção a capital da província, quando era apenas uma vila. É isso que nos afirma Irineo Joffily (1892) em “Notas sobre a Parahyba”.

Pela cidade de Campina Grande passavam todos os retirantes do sertão adjacente, o Cariri, e os que vinham além da Borborema, que se destinavam à capital da província. Era um lugar de parada para todos e de residência para muitos; mal acomodados em choupanas de ramos, estes e aqueles vivendo ao relento pelas calçadas, na maior confusão e aviltados pela maior miséria. (JOFFILY, 1892, p. 177).

Então, a partir das necessidades dos viajantes, em ter uma parada obrigatória que fosse capaz de suprir suas necessidades ao longo de suas viagens. Devido às distâncias percorridas, aos poucos, os retirantes foram habitando, dando lugar as residências, onde até então era vila, contribuindo para o surgimento da cidade.

Existiram eventos e acontecimentos envolvendo todo processo de urbanização da cidade juntamente com a questão hídrica, no intuito de combater a seca no Nordeste. São os açudes reservatório construídos com essa finalidade, como nos traz Joffily (1892):

Os açudes têm tríplice vantagem de prestar guarda aos animais, de entreter uma evaporação abundante de partículas aquosas, e, por conseguinte de saturar de umidade a atmosfera, e de criar e conservar as plantações que se quiser fazer em torno deles quer para nutrição e bem estar do homem, ou dos animais, quer finalmente arborizar o terreno; os açudes, repetimos, devem ser multiplicados em toda a província. (JOFFILY, 1892, p.190)

O autor nos apresenta alguns fatores que nos permitem observar a grande importância que os açudes tinham naquela época. As inúmeras vantagens que esse tipo de

reservatório proporcionava a sociedade de suprimento de suas necessidades nos períodos de estiagem.

Isso também nos faz refletir se, naquele período, a gestão das águas tivesse sido melhor trabalhada teríamos, na atualidade, tanta dificuldade pela falta de água no cenário nordestino. Pensamos ainda que pudesse existir uma maior valorização, preservação e cuidados com os corpos hídricos localizado na cidade, já que naquela época da construção do Açude Velho a dificuldade no abastecimento e deslocamento da água era bem maior.

A população buscava alternativa para o abastecimento domiciliar quando a cidade era apenas abastecida pelos açudes e outros pequenos reservatórios. Em tempos em que ainda não havia sistemas de abastecimento urbano de água por canalizações, os “agueiros” (figura 2), pessoas que faziam o transporte de água, tinham papel fundamental e exerciam importante função para a dinâmica da cidade. Segundo Lima et al. (2013):

[...]o abastecimento de água da maioria da população ainda permanecia deficitária, exemplo disso era a importante função do “agueiro”, responsável por transportar água no lombo de jumentos, passeando por toda extensão urbana, com a água colhida, principalmente, do Riacho das Piabas. (LIMA et al., 2013, p. 21).

Figura 2: Aqueiros nas proximidades da Feira Central na década de 1930



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande- 2016

Logo na sua construção, para compreender a importância do Açude Velho, é preciso levar em consideração também toda a estrutura urbana da cidade de Campina Grande. Como ressalta Pereira (2014, p. 10) “a mesma está localizada no centro urbanístico, que se inicia com a chegada com o processo de consolidação do comércio de algodão e se intensifica com a chegada do trem”.

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade experimentou uma significativa expansão. A ampliação do comércio, com a chegada da estrada de ferro, em 1907, provocou o aumento do número de habitantes e habitações. O algodão foi para a cidade, à época, a principal atividade econômica que atraía comerciantes de várias regiões. Até a década de 1940, tornou-se a segunda maior exportadora de algodão do mundo, atrás somente de Liverpool, na Inglaterra, dando início ao período conhecido como “era do ouro branco. (LIMA, 2013 et. al. p.20).

Vale ressaltar também que acompanhado de todo progresso e crescimento na cidade, existia também o fato da expansão e aumento populacional. Sendo os conceitos de fixos e fluxos apresentados por Santos (1999) bastante abrangentes com o comércio do algodão, moldando uma nova paisagem para Campina Grande.

Como podemos também ver na figura 3, sem datação precisa, o Açude Velho era abundante, com sua lâmina d’ água expressiva. Nesse momento, satisfazia a demanda necessária de sobrevivência para aquela época, não foi possível observar nenhuma construção no entorno do Açude Velho, podemos mencionar que nesse período o processo de urbanização ainda não se fazia presente em suas margens.

Pode-se dizer que vemos o reservatório ainda com a presença de uma área com vegetação predominante e conseqüentemente nessa época sem nenhum processo urbano. Além disso, como se tivesse uma estrada de terra em sua frente, como se fosse um caminho feito por pisadas, o que nos faz pensar que poderia se tratar de um caminho feito pelos tropeiros, os retirantes em suas passagens pela cidade.

Figura 3: Uma das fotos mais antiga do Açude Velho



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande - 2016

O reservatório, nesse momento apresentava uma dinâmica primordial à cidade. A sua representação e materialidade se intensificava apenas na utilização da água como mecanismo para o abastecimento da população. Com isso, observamos ainda, que não se tornou tão abrangente um processo urbano em suas proximidades nesse momento como apresentado na figura anterior.

Aos poucos, no entanto, a paisagem no entorno e no próprio Açude vai tomando rumos diferentes. Com transformações e mudanças, as representações e materialidades diferenciadas se ajustando a cada período e evento ocorrido em Campina Grande e no reservatório.

Essa adaptação se torna visível quando, por exemplo, o Açude Velho no ano de 1938, recebe a instalação de fábricas figura 4 e galpões onde eram instaladas as prensas de algodões passam a fazer parte daquela paisagem já moldando o espaço físico naquela localidade. Ao longo do tempo o manancial tem que se enquadrar para suprir além das demandas da população, as necessidades das fábricas instaladas em sua proximidade.

Figura 4: Fábricas no Açude Velho no ano de 1938



43. Fábricas e prensas de algodão às margens do Açude Velho. Fonte: Arquivo Humberto Nóbrega - Unipê (Acervo pessoal Francisco Sales Trajano Filho).

Fonte: Queiroz 2008

As fábricas e as demais atividades produtivas consideradas insalubres foram deslocadas para as regiões dos Açudes Velho e Bodocongó, subúrbios que se firmaram como áreas fabris, com predominância de prensas de algodão e curtumes no Açude Velho e de fábricas têxteis no Bodocongó. A disponibilidade de água, imprescindível para o desenvolvimento de tais atividades [...]. (QUEIROZ, 2008, p. 98)

A água, agora, em vez de ser utilizada apenas para o consumo humano passa a ser utilizada também como subsídio para o desenvolvimento das fábricas. Com isso, a situação do reservatório se torna alarmante, considerando que a água utilizada nas fábricas com todo material químico era jogada de volta ao Açude sem nenhuma forma de tratamento. Podemos também afirmar que a falta de cuidados devidos e não valorização dos corpos hídricos é algo que se propaga ainda no século XXI no Açude Velho e no Açude de Bodocongó.

Portanto, a figura 4 retrata uma dessas utilidades para as águas do Açude Velho, as fábricas de curtume, durante muito tempo fonte de renda para a cidade. Sendo impulsora nessa época em particular para o desenvolvimento econômico de Campina Grande. Já é possível perceber um pequeno avanço no processo de urbanização, além da presença da fábrica a existência de um calçamento e logo acima alguns casarões que vão dando uma nova forma à paisagem.

A fábrica que se instalou no entorno do Açude Velho foi a SANBRA- (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro), apresentada abaixo.

Figura 5: Fábrica SANBRA - 1935



Fonte: RetalhosHistóricos de Campina Grande - 2016

Como afirma Pereira (2014, p. 15) “essa empresa veio da Argentina, com filial da “Bunge e Bom”, assim como a instalação da estação ferroviária, ambas careciam de recursos naturais, como a água”. Então, a necessidade de sua instalação nas proximidades de um reservatório para facilidade no suprimento de suas necessidades

Portanto, juntamente com a construção dessa empresa, podemos pensar que surgiu também um maior incentivo financeiro na cidade. Agora, o pólo comercial na década de 1930 em Campina Grande estava aumentando e abrindo possibilidades para instalação de outras empresas que conseqüentemente geravam lucro e crescimento econômico a cidade.

Aos poucos, o caráter “modernista” nas margens do manancial vai ganhando visibilidade, como observado na figura 6 quando o Açude Velho inaugura a construção de cais circular em sua volta. Como nos afirma Cabral (2009, p. 67) “[...] o Açude Velho fora construído em 1828 e, em 1942, o então prefeito Dr. Vergniaud Wanderley, o Pereira Passos Campinense, deu início a construção do grande cais que o circunda”.

Figura 6: Inauguração do cais do Açude Velho em 1942

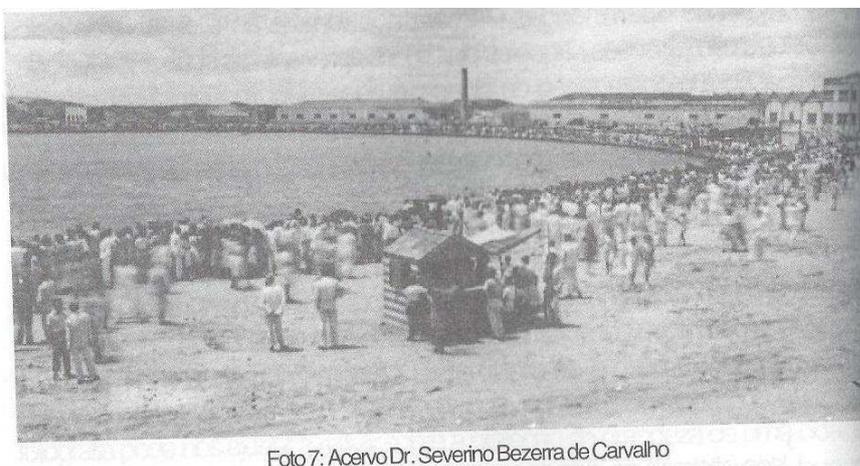


Foto 7: Acervo Dr. Severino Bezerra de Carvalho

Fonte: Cabral Filho (2009)

Portanto, vai surgindo uma nova modelagem em sua paisagem, os limites no reservatório vão sendo impostos. Mudando todo cenário de sua representação e sua materialidade, motivando assim, a população a ter no Açude Velho um lugar de permanência bem próximo ao reservatório. Logo, o seu cais permitiria as pessoas a se sentarem e contemplarem a sua paisagem como um dos cartões postais de Campina Grande.

Pode-se dizer que são muitas as roupagens na representação e na materialidade que esse corpo hídrico vai adquirindo ou perdendo ao longo dos anos. Essa dinâmica até aqui já apresentadas nos mostram que estamos diante do que nos afirma Swyngedouw (2009) “a cidade como um híbrido”, e a cidade de Campina Grande nos permite refletir

sobre isto. Mediante todo esse processo urbano que envolve diretamente os seus corpos hídricos.

Exibiremos na figura 7 uma visão aérea do Açude Velho no ano de 1950, sendo possível observar, que após mais ou menos 120 anos da sua construção o processo de urbanização com residências horizontais no entorno do Açude Velho, e nessa ocasião a ausência de construções verticais.

É perceptível que o crescimento da cidade vai ganhando força. É possível compreender ao mesmo tempo as diferentes formas na estruturação social que é expressa nesse espaço. O sujeito acaba por constrói o espaço em que vive ao mesmo tempo em que constrói a si mesmo. Isso se dá por meio de práticas culturais, atração de esporte, lazer e turismo, práticas essas que em algumas ocasiões são vivenciada ou vista no reservatório.

O Açude Velho, por está localizado no centro da cidade, suas mudanças, sua visibilidade e os investimentos em seu entorno vai ganhando um maior destaque, com uma supervalorização.

Figura 7: Visão aérea do Açude Velho na década de 1950



Fonte: Pereira (2014)

Portanto, o manancial é supervalorizado não devido apenas a sua localização, mas também pela paisagem que o mesmo proporciona aos compradores dos imóveis, que irão contemplar diariamente com um cenário atraente do corpo d' água.

Além da consolidação comercial na atração de algumas fábricas, como já mencionado, que aos poucos vão ganhando notoriedade e fortalecendo a economia da

cidade. Juntamente com essa dinâmica urbana, vamos percebendo também na figura 7 que os espaços verdes no entorno do Açude vão cessando, dando lugar a construções.

É evidente que a representação e a materialidade que envolve o Açude Velho possibilitam a transformação de sua paisagem, as marcas deixadas dos acontecimentos e eventos no reservatório contribuíram para isso, um exemplo seria a proibição da pescaria na década de 1980. Ressalta-nos Santos (1988, p. 62) “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção”, portanto pode-se afirmar que o reservatório está inserido nesse processo, já que a própria cidade se insere na dimensão de múltiplos comportamentos.

A paisagem irá refletir direta ou indiretamente na percepção do sujeito que a vê. Santos (1988) nos permite compreender que não existe separação entre ambas. Aquilo que a paisagem nos mostra, será aquilo que nos é perceptível aos olhos. Então, os corpos d’ água fazem parte da paisagem e devem ser vistos com uma percepção e representação positiva de preservação e cuidado.

A figura 8 nos apresenta uma fotografia noturna em preto e branco do Açude Velho no ano de 1960. Apresentando a iluminação elétrica sobre as águas do Açude. Ao fundo a antiga chaminé da fábrica da Caranguejo. À direita, a caixa de água Parahybana além da empresa Anderson & Clayton.

Nessa figura 8, percebemos um cenário mais diferenciado com postes instalados e energia elétrica dando um novo olhar ao cartão postal da cidade. Aos pouco vamos notando novos elementos marcando a paisagem do reservatório.

Figura 8: Fotografia noturna do Açude Velho no ano de 1960



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande - 2016

É possível refletir com a figura acima que a energia elétrica possibilitou uma dinâmica no entorno do Açude Velho mais diversificada. A iluminação facilita o acesso noturno ou até mesmo a permanência das pessoas no local, possibilitando a área do Açude uma vida noturna.

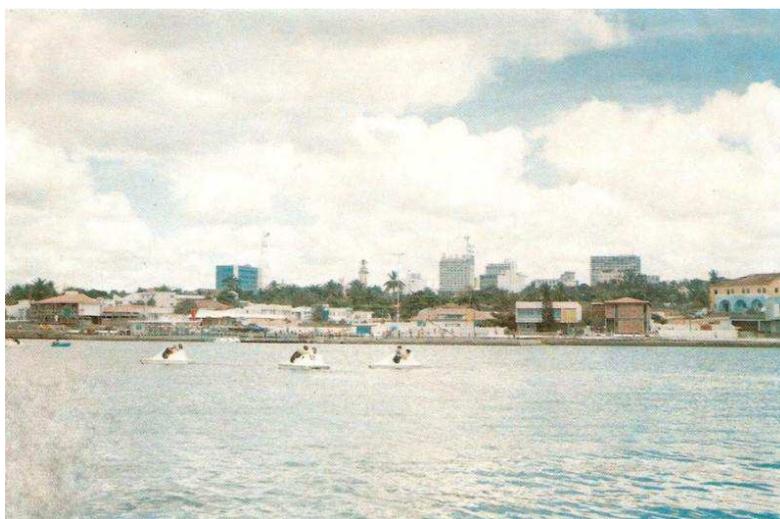
Como ressalta Maia et.al. (2009, p. 14)

[...] quando é implantada a iluminação pública através da energia elétrica, a população passa a apresentar hábitos noturnos mais acentuados, freqüentar praças, festas, sentir-se mais seguras e por sua vez dar outro uso às ruas da cidade. A partir de então as ruas ganham vida durante a noite, muda a sua forma, mas também o seu uso e a sua dinâmica.

Deste modo, já era possível usufruir desse corpo d'água durante o dia, observamos a sua representação para os campinenses se estendendo também durante a noite. Se materializando em um lugar de atração noturna de grande abrangência e flexibilidade aos campinenses nessa figura específica motivada pela iluminação no local.

Exibimos na figura 9 uma prática esportiva que era frequente no Açude Velho, o passeio de pedalinho. No reservatório existiam esportes praticados pela população, que reunia as famílias com um mesmo intuito, o de aproveitar o que era proporcionado pelas águas calmas do Açude Velho.

Figura 9: Pedalinho no Açude Velho no ano de 1970



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande - 2016

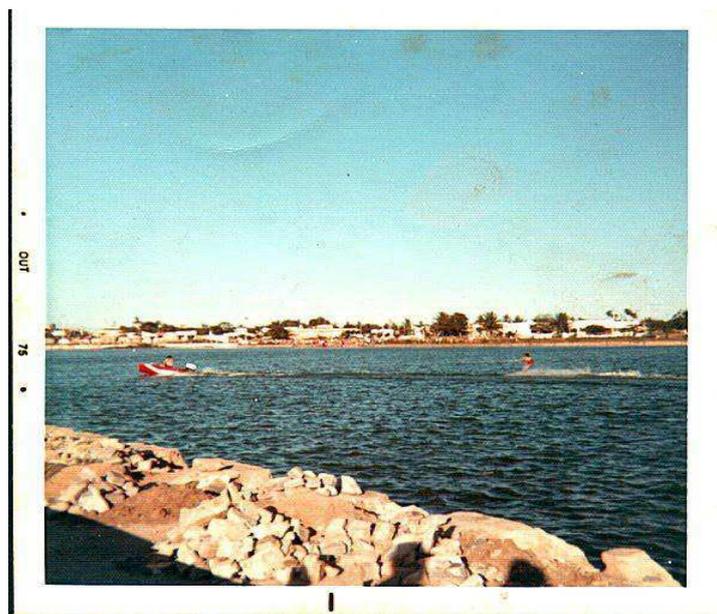
Além disso, é notório identificar na figura acima o processo de urbanização através da construção de modernos edifícios, em sentido vertical. Afirma Pereira (2014, p. 17) “[...] que não existe mais espaço para a construção horizontal, resta-se apenas duas

opções, destruir as estruturas antigas e substituí-las pelas novas, isto é, construção vertical” então, a necessidade na edificação desses novos elementos.

Contemplamos o crescimento já tomando conta da cidade de Campina Grande. Aos poucos, o que antes eram limitadas em residências e moradas horizontais vai tomando um patamar diferenciado, acompanhando a modernidade e adequando-se ao espaço disponível e a construção social imposta. O que percebemos é a necessidade de se emoldurar ao espaço, ao lugar estabelecido, de substituição do antigo pelo novo para se enquadrar a determinada época.

Já na figura 10 exibiremos outra prática esportiva no Açude Velho, o esqui aquático. Juntamente, identificamos uma urbanização já está bem mais intensa. Logo, percebemos novamente na figura abaixo os espaços verdes mais limitados, e as construções mais elevadas.

Figura 10: Esqui Aquático no Açude Velho no ano de 1975



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande - 2016

Estamos diante de um cenário que acarreta uma materialização de lazer para sociedade campinense, naquilo que logo será materialidade no próprio reservatório com uma opção de diversão para as famílias.

Na figura 10, o corpo d' água era utilizado para o lazer da população, não era pensada nas águas do Açude em si, mas em sua serventia como instrumento de esporte e lazer para os campinenses.

Retratada na figura 11 encontramos um corpo hídrico não muito diferente do que já foi observado nas figuras anteriores. Notamos também a presença dos campinenses se deslocando no entorno do Açude Velho.

Figura 11: Açude Velho no ano de 1980



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande - 2016

Ainda nessa figura podemos identificar um pequeno espaço verde ao fundo da imagem, como afirma Lima et.al (n/d p. 69)

As áreas verdes são importantes para a qualidade ambiental das cidades, já que assumem um papel de equilíbrio entre o espaço modificado para o assentamento urbano e o meio ambiente. São consideradas como um indicador na avaliação da qualidade ambiental urbana, pois esses espaços livres públicos obrigatórios por lei, quando não são efetivados, interferem na qualidade do ambiente.

Assim, esse pequeno espaço verde, que é possível visualizar na figura 11, tem um papel importante na qualidade ambiental da cidade. A sua implantação nas proximidades do Açude Velho contribuiu para uma representação ambiental, além de favorecer a manutenção de um ambiente mais saudável para a população.

Parece, no entanto, que a presença do cenário verde no decorrer dos anos acaba desaparecendo, restando apenas um espaço verde onde atualmente se encontra o Parque da Criança próximo ao Açude Velho. O processo de urbanização acaba por limitar a vegetação para dar lugar a um meio “artificial”, com instalação de empresas, fábricas, indústrias, moradias entre outros elementos construídos pelo homem.

Deste modo, teremos uma escassez das áreas verdes, devido à intervenção e ação humana sobre o ambiente. Pode-se dizer que isso acontece por meio do processo de crescimento urbano na cidade.

Com isso, buscamos compreender toda dinâmica estrutural e social que abrange o reservatório. Percebemos assim, que o Açude Velho vai acompanhando ou pode-se dizer que o mesmo vai fazendo parte do processo de urbanização da cidade de como já foi mencionado inicialmente.

Diante desses eventos e episódios apresentados, entendemos ainda que a cidade de Campina Grande vê a necessidade que acompanha toda essa dinâmica de acontecimentos, modificações, alterações e crescimento que envolvem todo seu cenário urbano. Portanto, se iniciou juntamente com essas ocorrências o processo de urbanização no entorno do Açude Velho.

A sociedade de Campina Grande detém toda sua história e, concentra-se no problema do espaço público, e sente-se obrigada a transformar microespaço do Açude Velho qualificando-o fim de enquadrá-lo no padrão de desenvolvimento territorial, apoiando nas suas dimensões e conexões entre os simbólicos e os campos social e cultural. (PEREIRA, 2014, p. 11)

Sendo assim, a cada determinada época é visível perceber a sociedade se adaptando ao lugar, a fim de controlar o próprio espaço e enquadrar as necessidades no mesmo, com é o caso do Açude Velho, enquanto suas finalidades e usos.

O Açude Velho é marca importante da consolidação urbana de Campina Grande, aos poucos se tornou um espaço ocupado pelo comércio, indústria, serviço, lazer, turismo e esporte. E sua paisagem foi modificada, ou até mesmo remodelada para se adequar a esse processo de urbanização.

Compreendemos também a importância das redes hídricas para o desenvolvimento de um lugar, sendo nesse caso o corpo hídrico, como objeto principal para toda essa diversidade de fatores e eventos em seu espaço.

Além disso, é notório que consequências de séculos passados, também podem se tornar marca e se materializar em séculos futuros. Todo dinamismo envolvendo os corpos d' água de Campina Grande atualmente no século XXI, pode fazer parte de alguma ação passada.

Isso nos traz uma reflexão sobre o caso da poluição que ainda persiste atualmente e já era motivo de discussões e debates em anos após a construção do Açude. Compreendemos então, que os corpos hídricos podem ser modelados, remodelados e até

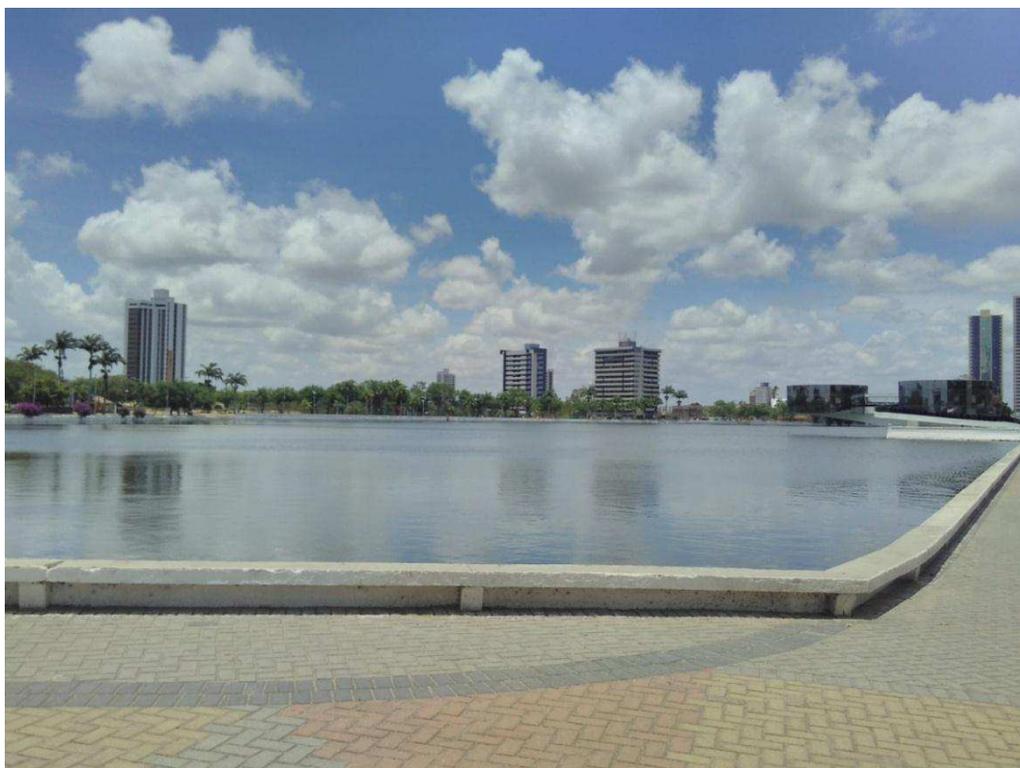
mesmo reinventados mediante a representação e materialidade que a própria sociedade tem a respeito dos reservatórios em suas épocas específicas.

Após todo esse resgate histórico apresentado sobre o Açude Velho, para uma melhor compreensão quanto à representação e a materialidade que envolve o reservatório. Apresentaremos no item a seguir informações e características abrangentes em relação a esse corpo d'água nos dias atuais, especificamente no século XXI. Acreditamos que assim haverá uma melhor comparação, interpretação e concepção mais sólida dos fatores que motivaram para o Açude Velho torna-se o que é hoje.

2.2 Os atuais usos do Açude Velho no século XXI

O Açude Velho figura 12 possui uma paisagem sociocultural que atualmente, no século XXI, o torna um dos cartões postais e patrimônio histórico mais famoso para Rainha da Borborema, a cidade de Campina Grande. Com destaque por ser uma área de esporte, lazer e cultura aos campinenses e turistas que vem visitaà cidade. Nas suas margens a população caminha, corre, anda de bicicleta ou pratica outros tipos de esportes.

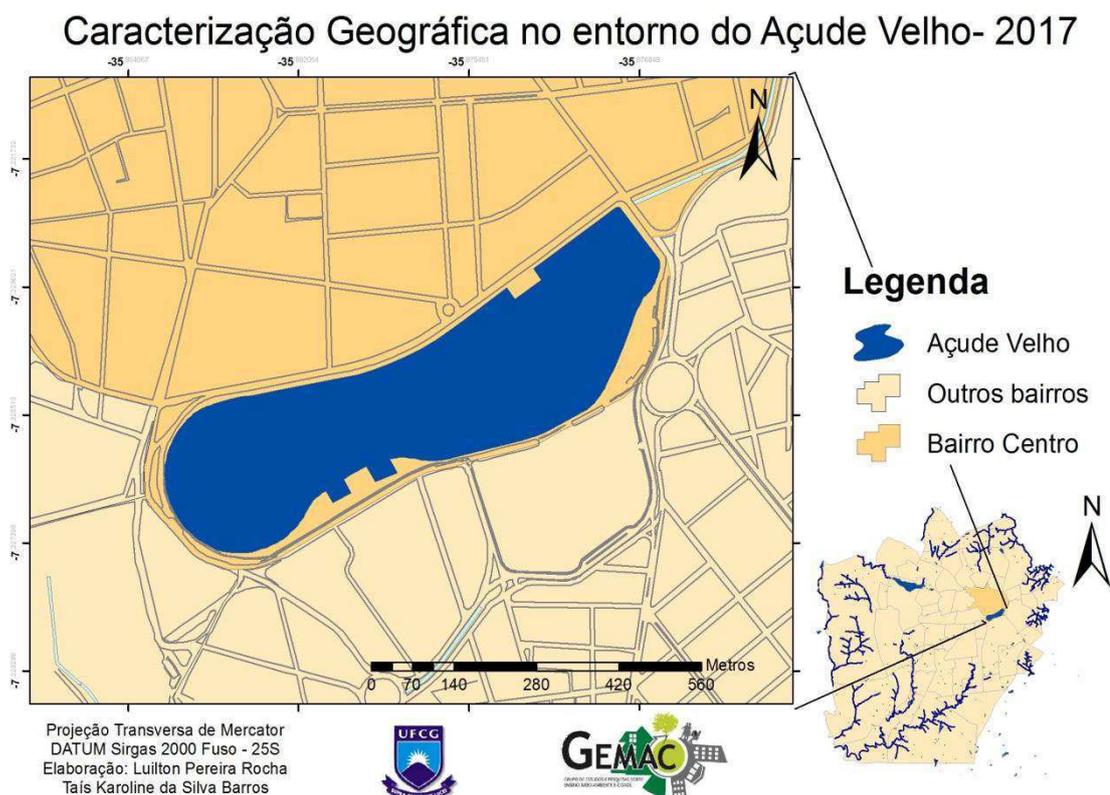
Figura 12: Açude Velho em 2017



Fonte: Taís Barros (2017)

Como é possível observar na figura 13, o Açude Velho está localizado no centro da cidade de Campina Grande se tornando um ponto privilegiado, de grande visibilidade e consequentemente de maior crescimento e investimentos. Sabemos com isso, que existe uma relação direta entre o sujeito e o espaço, ambos se tornam condicionantes no processo urbano da cidade.

Figura 13: Mapa de localização do Açude Velho- Campina Grande–PB



Elaborado por: Luilton Rocha (2017) e Taís Barros (2017)

Para isso, nessa relação entre o indivíduo e o espaço, Santos (1975, p. 49 apud Pereira, 2014, p. 8) enfatiza “[...] não se pode estudar o espaço sem interagi-lo com a sociedade, está que é a responsável pelo processo de transformação e produção de espaço”. Portanto, todas essas práticas e ações apontadas, estão colaborando para o que Santos (1975) enfatiza do que seria essa produção do espaço por meio dos indivíduos integrantes nele figura 14.

Figura 14: Vista aérea do Açude Velho-2011



Fonte: Pereira, 2014

Assim como pode ser identificada a produção do espaço por meio de aspectos presentes na cidade como: indústrias, fábricas, construções, economia entre outras características desenvolvidas pelo indivíduo. Deste modo, analisaremos a figura acima para uma melhor concepção das características físicas e estruturais da cidade.

Nessa figura, pode-se identificar o reservatório em uma área central da cidade. Percebe-se como característica desse espaço a presença do início de verticalização das construções no entorno do Açude Velho. Além da presença de elementos que até então nos anos iniciais de sua construção não existiam. Embora seja perceptível o grande nível de urbanização no entorno do Açude Velho, ainda encontra-se nessa figura, mas um pequeno espaço verde no entorno do reservatório.

Será, então, esse pequeno espaço verde onde hoje está localizado o Parque da Criança, em uma “paisagem artificial”, que nos afirma Geógrafo Milton Santos (1988) como aquela paisagem construída pela ação humana.

Mediante todo o processo de urbanização da cidade de Campina Grande, e em particular no entorno do Açude Velho, o homem é tido como protagonista no desaparecimento dos espaços livres, verdes e naturais e, conseqüentemente, surgimento das grandes construções.

Santos (1988, p.42) ainda explana que:

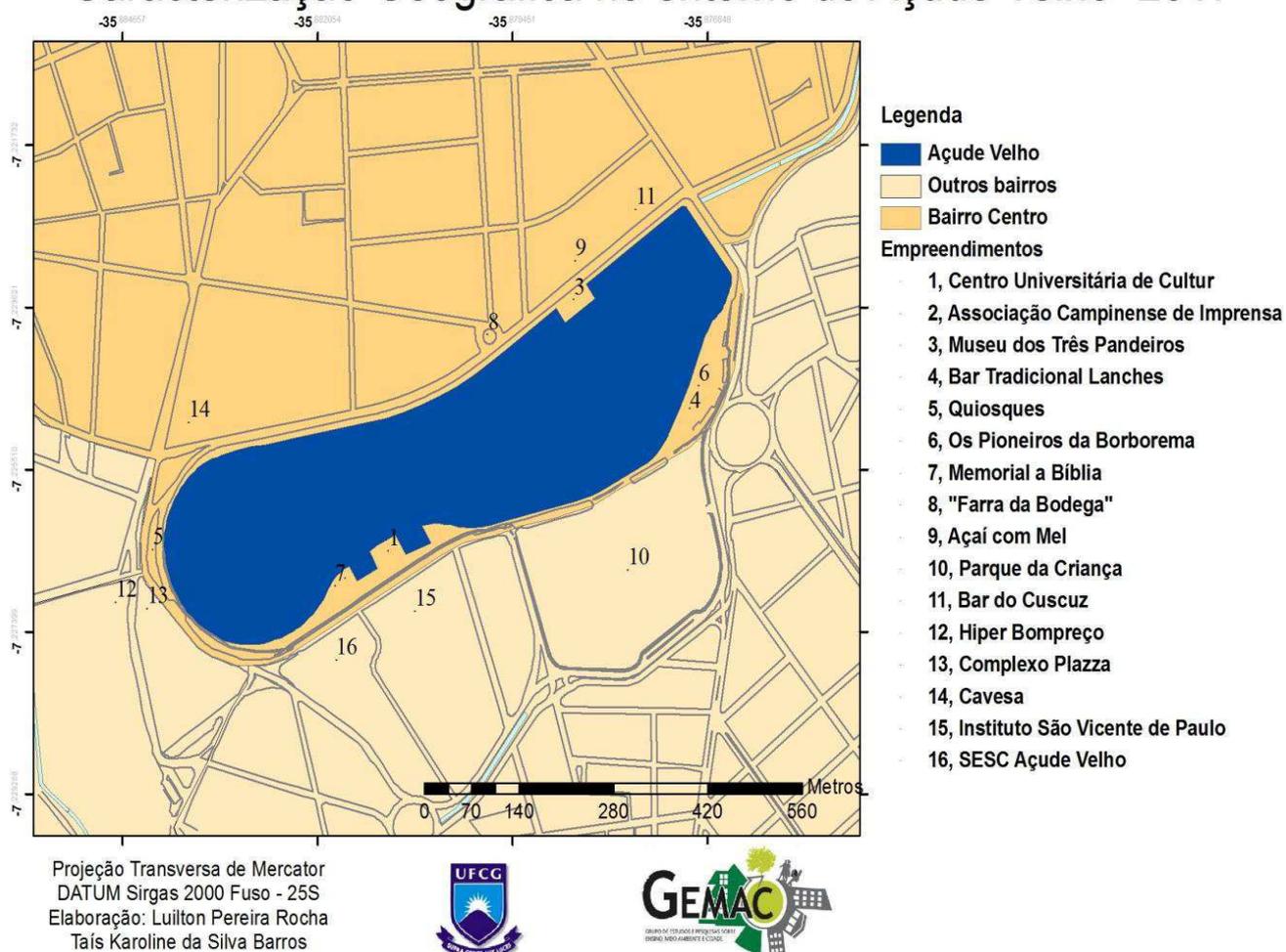
As mudanças são quantitativas, mas também qualitativas. Se até mesmo nos inícios dos tempos modernos as cidades ainda contavam com jardins, isso vai tornando-se mais raro. O meio urbano é um meio cada vez mais artificial, fabricados com restos de natureza primitiva crescentemente encoberta pelas obras dos homens.

Portanto, compreendemos claramente essas mudanças acontecendo com as áreas verdes, do “natural” para o “artificial” no entorno do corpo hídrico. Um processo de urbanização que aos poucos o que era tido apenas com meio “natural” nos espaços verdes vai dando lugar a um meio “artificial”. Como a visão de Santos (1988, p. 64) assegura: “[...] como natural e artificial, a primeira classifica pela não intervenção do homem e a segunda como produto da ação humana”.

Para um melhor entendimento de como está à distribuição espacial dos serviços e referências históricas nas imediações do Açude Velho no ano de 2017 iremos apresentar alguns pontos específicos na figura 15 a seguir:

Figura 15: Mapa de caracterização Geográfica no entorno do Açude Velho- 2017

Caracterização Geográfica no entorno do Açude Velho- 2017



Elaborado por: Luilton Rocha (2017) e Taís Barros (2017)

Nesta figura 15 são apresentados 16 pontos identificados no entorno do corpo hídrico, pontos de referências que serão especificados posteriormente não necessariamente na ordem determinada pela numeração. Ressaltamos que o Açude Velho se trata de uma área dialética, é possível observar o espaço vivo de suas formas com suas finalidades específicas no atendimento à população.

Iniciaremos com os pontos que representam um geossímbolo para a cidade de Campina Grande e tem a sua localização nas proximidades do Açude. Como é o caso do *ponto 6* os Pioneiros da Borborema, o *ponto 8* “Farra da Bodega”, as estátuas de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, e o *ponto 3*o Museu dos Três Pandeiros. Encontramos a presença desses geossímbolos que deixaram marcas na história da cidade, enquanto construção social. Ressalta Garcia (2015, p. 190)

Neste sentido o geossímbolo é uma forma-conteúdo da territorialidade de povos e grupos, participando da construção das identidades coletivas e dos debates da geografia cultural. O conceito de geossímbolo é relevante para compreender e analisar as relações estabelecidas entre os homens e as formas-conteúdos que denotam a identidade e territorialidade e a sua representatividade para o outro, especificamente para o turista.

Ainda afirma Garcia (2015, p. 191) “Os geossímbolos ganham relevância e despertam curiosidade aos olhos dos turistas, que passam a se deslocar para percebê-los, mesmo que superficialmente, e também registrá-los”. Esses geossímbolos abrirem os olhos da curiosidade nos turistas que vem a cidade e registram além do cartão postal que é o Açude Velho as obras arquitetônicas campinenses locais.

A existência desses geossímbolos nos permite uma reflexão sobre a dinâmica e pluralidade existente no entorno do Açude Velho. Refletiremos com isso, que o reservatório é representado e materializado por meio de elementos distintos, nesse caso, o elemento cultural implantado nesse espaço. Sua importância e marca histórica representada no presente, sendo objeto de estudo da Geografia Histórica, nessa concepção da permanência dessas obras arquitetônicas.

Existe ainda, *oponto 7* Memorial à Bíblia, construída em 2011 e está situada as margens do Açude Velho em homenagem a esse livro sagrado.

Interpretamos com isso, que a fixação dessas arquiteturas nas margens do manancial se dá devido a sua centralidade, o espaço onde está localizado, sendo o reservatório é um dos responsáveis pelo crescimento econômico da cidade. Por ser um famoso cartão postal da cidade, o turismo também proporciona uma crescente e garante um

maior investimento nesse espaço, por meio de atrativos a sociedade campinense e aos turistas que vem à Campina Grande.

Nas imediações do Açude Velho, também encontraremos a presença do serviço alimentício, que permite uma múltipla escolha gastronômica. No **ponto 4** está localizado o Bar Tradicional Lanches, no **ponto 5** acharemos os quiosques, no **ponto 9** o Açaí com Mel, no **ponto 11** está o Bar do Cuscuz e no **ponto 12** localiza-se o Hiper Bompreço. Com isso, identificamos os serviços culinários e refletimos sobre uma dinâmica ainda mais diversa no espaço do Açude Velho.

A presença dos serviços sociais, no atendimento a população também é do mais diversos e marcados nas proximidades do reservatório. No **ponto 1** está localizado o Centro Universitária de Cultura e Arte- CUCA, no **ponto 2** encontraremos um prédio comercial nas proximidades dessa lâmina de água, a Associação Campinense de Imprensa- ACI, no **ponto 14** a Antiga Cavesa, no **ponto 15** o Instituto São Vicente de Paulo e no **ponto 16** o SESC Açude Velho todos estabelecidos no ambiente do reservatório.

Pode-se ressaltar ainda que os serviços oferecidos à sociedade são variáveis, atendendo a todas as classes sociais, desde daquelas pessoas que usam o espaço para prática esportiva até aquelas pessoas que residem nessa localidade. A dialética e flexibilidade existente são visíveis, possibilitar dessa maneira uma diversificação enquanto aos arranjos sociais que irão ser representados no entorno do reservatório.

Localizado nas imediações do Açude Velho também está o **ponto 10** Parque da Criança, um dos poucos pontos turísticos que ainda possui uma área verde para sociedade campinense e circunvizinha usufruírem desse espaço livre de lazer.

Lira et. al (2004, p. 2) ressalta:

O Parque foi concluído em 1993 e inaugurado em 12 de outubro (Dia da criança) do mesmo ano, com uma área total de 6.700 m², tendo sido construído a partir do projeto arquitetônico do antigo curtume, com o aproveitamento do pórtico, da torre, com a criação de um de um canteiro em volta desta.

Assim, percebermos, vestígios do passado envolvido no presente para construção dessa área de lazer. Entendemos ainda o que na atualidade é tido como “velho” pode ser substituído pelo que é considerado como “novo”, ou nesse caso remodelado e reaproveitado para uma dinâmica mais atual e moderna.

Para finalizar os pontos identificamos a produção imobiliária que se tornou também algo bem marcante e frequente no Açude Velho, um dos melhores exemplos é o

ponto 13 Complexo Piazza. Considerado como um imóvel bem completo que oferece diversos serviços ao morador, instalado no espaço do Açude.

O mercado imobiliário é um importante agente na produção e consumo do espaço urbano. Em escalas distintas atua em todas as partes da cidade, mas é entre os grupos mais bem remunerados que encontra espaço para se expressar de modo mais abrangente. (ALBUQUERQUE et. al. 2006, p 11)

Então, como já mencionado, foi isso que aconteceu nas proximidades do Açude Velho, sua valorização imobiliária devido à localização e facilidade de serviços e benefícios que o espaço oferece. O reconhecimento que o espaço tem, impulsionou também a instalação, valorização e alta no preço dos imóveis, tendo em vista que quanto, mas valorizado é o bairro mais alto será o seu preço de algo que pretende ser adquirido no local.

Simultaneamente, já é possível observar um maior investimento na verticalização nesse espaço, podemos pensar que isto se dá por meio de fatores e fenômenos acarretados ao mercado imobiliário. Aponta Padinha (2013, p. 75)

A Verticalização como nós (geógrafos e urbanistas) a concebemos surgiu nos Estados Unidos, graças às condições particulares de formação das cidades americanas e do próprio estágio de desenvolvimento capitalista. Entretanto, outros fatores podem explicar também este fato: a alta concentração urbana, a intensificação da divisão social do trabalho, o crescimento do setor terciário, a espacialização funcional de áreas, os altos preços fundiários e a flexibilidade da(s) legislação (ões).

Portanto, surge a necessidade de um espaço verticalizado, que irá possibilitar uma maior economia no solo urbano, e vai conseguir assim aglomerar um maior número de moradores em um menor tamanho de espaço como é o caso dos apartamentos. Sendo o mercado imobiliário responsável por esse processo.

Em virtude da intensidade como se utiliza um mesmo terreno como suporte físico, permitindo assim, a superposição de um grande número de imóveis, a verticalização provoca uma supervalorização do solo urbano. Logo, é isso que acontece na área do Açude Velho, uma supervalorização nesse espaço em termo de imóveis verticais.

Afirma ainda sobre a verticalização Souza (1994, p. 135):

[...] a resultante, no espaço produzido, de uma estratégia entre múltiplas formas de capital – fundiário, produtivo, imobiliário e financeiro, que cria o espaço urbano. É essa estratégia que, politicamente (e não tecnicamente), definirá os limites da multiplicação do solo.

Assim, encontraremos um espaço com diferentes classes dominantes, neste caso com um mais elevado poder financeiro, em um uso específico e valorizado nesse solo urbano, em nosso caso nas imediações do Açude Velho na cidade de Campina Grande.

Esses pontos que foram apresentados estão ligados diretamente ao entorno do Açude Velho, com isso percebemos os crescimentos e concepções relacionadas ao espaço do reservatório não as suas águas.

Ao longo dos anos é possível observar as distintas mudanças na representação e na materialidade submergindo o Açude Velho. Como já mencionado por alguns estudiosos, o crescimento da cidade irá refletir diretamente nos seus reservatórios, sendo as redes hídricas também responsáveis por todo processo de urbanização e crescimento da cidade, no nosso caso a cidade de Campina Grande.

Diante de tudo já exposto, entendemos também que foram diversas as transformações na paisagem em si, mas foram poucos os discursos e pesquisas notadas envolvendo em particular as mudanças nas águas do Açude Velho.

Isso, porque no século XXI, as águas do Açude Velho ainda se encontram sem a serventia inicial que seria o abastecimento humano. Com isso, compreendemos que as águas do Açude não são vistas como uma prioridade, já que ainda no século XXI não existe uma maior valorização e visibilidade de mudança nesse reservatório.

É interessante perceber que o Açude Velho é visto apenas como um cartão postal que abrilhanta a cidade, sendo pouca das vezes lembrado, por todo contexto histórico por trás da sua construção, que seria o de “salvação para seca que devastou o Nordeste no ano de 1924”. Mas não é isso que é refletido atualmente, já que nenhuma medida foi concretizada para que os usos iniciais do corpo d’ água fossem mantidos ou resgatados.

É notório que a supervalorização e o investimento nesse espaço são apenas em suas imediações como já observado na figura 15. O importante atualmente é a dinâmica flexível em termo de serviços a sociedade que o espaço do reservatório oferece.

O Açude Velho que temos hoje é um Açude marcado por todo um processo de investimento, crescimento e urbanização em seu entorno. Mas, a falta de investimento e valorização de suas águas está cada vez, mas presente, o reservatório nota as marcas dessa falta de reconhecimento para uma limpeza e despoluição da sua lâmina d’ água.

São diversos os agentes responsáveis por esses aspectos já mencionados, na escassez de iniciativas para as águas do Açude Velho no século XXI. Esses agentes vão desde os órgãos competentes até a própria sociedade que convive diariamente com seus corpos hídricos, e não tem uma conscientização cabível e adequada sobre a utilização e preservação dos corpos hídricos.

Portanto, é necessária uma maior compreensão e iniciativa que possa prevenir o meio ambiente, os corpos hídricos sem o desperdício dos recursos naturais, com finalidade específica para limpeza e purificação das águas do Açude Velho assim, permitirá uma nova remodelagem à paisagem da área onde está localizado o reservatório. Ou seja, os incentivos e a conscientização adequada dos recursos naturais enfatizando o termo sustentabilidade irão contribuir também para que essa nova remodelagem possa acontecer. Além disso, irá reafirmar o que é refletido por Swyngedouw (2009) da cidade como um híbrido.

Para um maior aprofundamento da representação e da materialidade no Açude Velho em tempos passados, iremos apresentar no capítulo a seguir, noticiários identificados no Jornal Diário da Borborema entre os anos de 1984 a 1992 sobre eventos e acontecimentos relacionados ao corpo hídrico. São matérias jornalísticas que nos permitem um melhor entendimento quanto aos episódios passados no Açude Velho.

**CAPÍTULO 3- A REPRESENTAÇÃO E A MATERIALIDADE DO AÇUDE
VELHO EM CAMPINA GRANDE ATRAVÉS DO JORNAL DIÁRIO DA
BORBOREMA (1984-1992)**



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande - 2017

“Do passado glorioso contra a seca ao amargo esquecimento do presente”

(Revista Atual 1989)

CAPÍTULO 3

A REPRESENTAÇÃO E A MATERIALIDADE DO AÇUDE VELHO EM CAMPINA GRANDE ATRAVÉS DO JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA (1984-1992)

Neste capítulo serão apresentados resultados e discussões referentes a noticiários sobre o Açude Velho identificados no Jornal Diário da Borborema, do período de 1984 a 1992. Disponibilizado pela Secretária Municipal de Cultura de Campina Grande, a partir da identificação dessas manchetes foi possível compreender a representação e a materialidade do Açude Velho respectiva no seu dado momento.

3.1 A Poluição do Açude Velho materializando seus usos

Como constatado nos documentos analisados, a poluição do Açude Velho marcava a representação da cidade sobre esse corpo d'água durante os anos da década de 1980. Eram constantes as matérias do Jornal Diário da Borborema em que se enfatizava o destino de esgoto para o Açude, a mortandade de peixes e o mau cheiro que exalava na lâmina d'água.

A materialidade da poluição percebida pela população da época acabava definindo seus usos e promovia sempre o discurso de recuperação/transformação do Açude Velho, ao mesmo tempo em que poderia ser gerador de ações de afastamento do Açude por parte das pessoas.

Entre os anos de 1986 e 1988, o quadro se torna mais preocupante na cidade, logo o Açude passa a exalar mau cheiro decorrente, sobretudo, do esgoto destinado ao reservatório. Tornando as águas poluídas sem nenhuma preservação ou cuidados devidos por parte da própria sociedade que convive diariamente com os seus corpos d'água.

Isso nos faz, mas uma vez reafirma sobre a reflexão de Swyngedouw (2009) quando nos apresenta a comparação da cidade como um híbrido. Portanto, nessa afirmação irá também existir a relação da sociedade campinense com seus corpos hídricos, acarretando assim a preservação e cuidados necessários para uma cidade refletida como híbrida.

Em entrevista ao Jornal Diário da Borborema de 4 de fevereiro de 1986 Edvan Leite diz que: “a existência desses esgotos já faz uma faixa de 50 anos e a única maneira de evitar o mau cheiro é fechar a sua saída”. Além dos peixes mortos e plantas aquáticas que

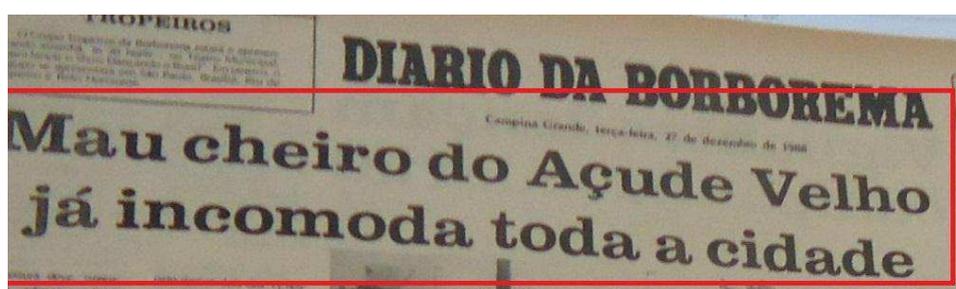
invadem as águas do Açude Velho causando prejuízo aos comerciantes. Ressalta-se ainda, em algumas passagens, a presença de doenças (dor de cabeça náuseas e mal-estar) na população moradora das proximidades do manancial como elemento agravador da qualidade de vida da população.

A extensão do problema relacionado à poluição da água toma rumos diferenciados e acaba por interferir diretamente na vida e cotidiano dos campinenses. O discurso submerge, além disso, um novo olhar sobre o manancial, nesse momento não é apenas a poluição, mas os efeitos que a mesma está ocasionando a população.

Nessa ocasião, a poluição do Açude Velho era apresentada como problema para toda a cidade figura 16. A visão nesse período é do Açude Velho como motivo de preocupação, descaso e abandono. Fatores estes que vão mudando a paisagem, pois a população já não mais se sentia atraída em conviver naquele ambiente poluído.

Assim, quando os jornais chamam atenção para o problema do reservatório, o discurso da recuperação começa a ganhar centralidade e o Açude passa a ser visto como um problema a ser resolvido. É importante observar que atualmente, na década de 2010, após a resolução ou amenização deste problema de mau cheiro, o Açude Velho passou a ser uma das áreas mais valorizadas para investimentos imobiliários da cidade de Campina Grande.

Figura 16: Mau cheiro do Açude Velho



Fonte: Diário da Borborema- 29 de Dez/1988

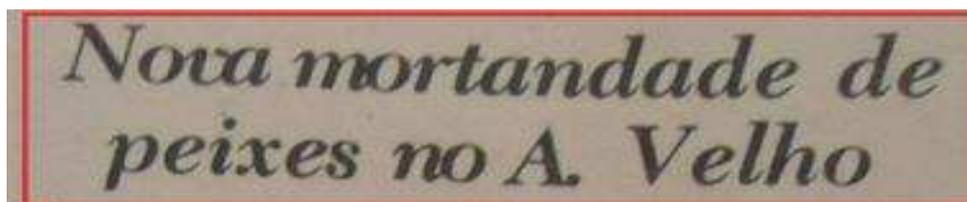
Diante da poluição percebida naquele período, foi possível identificar ainda algumas iniciativas de transformação do uso da lâmina d'água do Açude Velho, que já não mais servia para o abastecimento de água da cidade e regiões adjacentes.

3.2 A proibição da Pescaria e a transformação da Paisagem do Açude

Vários são os jornais da década de 1980 que destacam a prática da pescaria no Açude Velho e a dificuldade dessa prática em virtude da poluição das águas e a mortandade de peixes.

A mortandade de peixes em dezembro de 1985 figura 17 foi provocada pela poluição decorrente da carga orgânica de esgotos, óleo e graxa de garagens levadas para o açude diminuindo ao mínimo a presença de oxigênio. Sendo esses peixes mortos no reservatório os causadores também do mau cheiro por causa da acumulação em sua superfície (DIÁRIO DA BORBOREMA, 14 DEZEMBRO DE 1984).

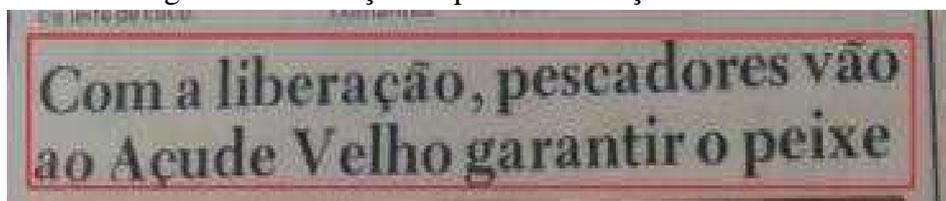
Figura 17: Pescaria no Açude Velho



Fonte: Diário da Borborema- 9 Dez/1985

Segundo o Jornal Diário da Borborema do dia 2 de Abril de 1984, na figura 18 período da quaresma, mesmo com todos os transtornos ocorrentes no Açude Velho, advindo da poluição, a Prefeitura Municipal de Campina Grande libera a pescaria com anzol no reservatório.

Figura 18: Liberação da pescaria no Açude Velho



Fonte: Diário da Borborema- 2 de Abr./ 1984

A população, se vendo sem alternativa pelo grande valor no custo do peixe na Semana Santa, vai ao Açude para garantir sua alimentação. Mas, os pescadores ultrapassam os limites permitidos se utilizando de canoas, tarrafas, dentre outros meios para uma abrangência maior de peixes.

Nos anos seguintes, em 1986 e 1987, a Secretaria de Serviços Urbanos de Campina Grande suspenda a pescaria no Açude Velho que já contava com cerca de 20 a 25 pessoas na pesca diariamente. Mas a lei imposta não foi aceita e a pesca ocorria na calada da noite ou mesmo em plena luz do dia sem nenhuma reação por parte das autoridades responsáveis. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 2DE ABRIL DE 1984).

A população se mostra contrária à lei aprovada pela Câmara em março de 1987 que indicava a proibição da pesca com redes nas águas dos açudes. E afirmam não conhecer ou não concordar com a lei imposta.

O discurso apresentado na lei aprovada em 1987 era de retirada de um dos mais antigos usos do Açude Velho, a pescaria. Neste momento, observa-se como a materialidade da poluição - o Açude era poluído -se transforma em um discurso social – os jornais da época apresentam diversas matérias apontando esta situação de poluição – que é registrada em nova legislação e se transforma em nova materialidade – a paisagem do Açude Velho deixa de conter os antigos pescadores.

Nessa ocasião a materialidade sendo percebida por meio da reconfiguração da paisagem. Neste momento, uma legislação proibindo a realização da pescaria acaba por transformar a paisagem do Açude Velho através da mudança de uso de suas águas.

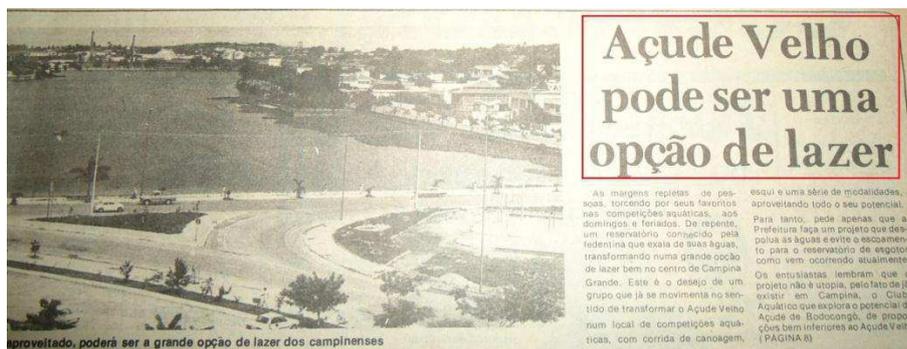
Isso se tornar resultado das representações sociais sobre a natureza ao longo do século XX, valorizando, mas as construções, esquecendo dos cuidados devidos e preservação adequada do meio ambiente. Como resposta, surgir o discurso da sustentabilidade, com o objetivo de rever as ações humanas sobre o meio ambiente, a finalidade é na preservação dos recursos naturais e conscientização ambiental, no nosso caso dos corpos hídricos.

No final do século XX teremos também a ideia do modernismo, o avanço tecnológico, a globalização, os meios tecnológicos cada vez mais presentes sobre a natureza, em uma interferência direta do ser humano sobre o meio ambiente. Danificando diretamente os recursos naturais ao qual esse reservatório também faz parte, e se trata de um dos debates para um “mundo sustentável”.

3.3 O lazer no Açude Velho e as tentativas de resgate de uso através das competições aquáticas

Durante a década de 1980, ressurgiu na cidade de Campina Grande o uso de seus Açudes como local para a prática esportiva de competições aquáticas, com é possível identificar na reportagem do Jornal Diário da Borborema, do dia 3 de março de 1985 figura 19.

Figura 19: Opção de lazer no Açude Velho



Fonte: Diário da Borborema – 3 de Mar/ 1985

Com a promoção aos domingos e feriados de competições aquáticas, de modo a transformar aquele local num ponto de atração turística. A bacia do Açude Velho, como defende os maiores entusiastas da ideia, deverá servir para regatas, competição de esqui e passeio de lanchas, o que tornaria o local um ponto de atração para os campinenses e visitantes, uma grande opção numa cidade carente de lazer.

Resgatando usos vistos em outros tempos no Açude Velho, como os passeios de pedalinhos que ocupavam parte do seu espelho d'água (DIÁRIO DA BORBOREMA, 3 DE MARÇO DE 1985), a presença de competições aquáticas indicava a possibilidade de ser um atrativo para a cidade. Assim, as famílias campinenses iriam se reunir às margens do Açude para prestigiar essas competições, além de tornar a paisagem, mas embelezada e acolhedora.

Esta ação foi geradora inclusive de um movimento de resgate histórico de importante instituição social que marcou época em Campina Grande – o Clube Aquático, que até a década de 1970 marcava a paisagem de outro Açude da cidade – o Açude de Bodocongó¹.

Existiam grupos de pessoas que viam nas competições aquáticas no Açude Velho, um lugar que até entanto era conhecido pelo mau cheiro exalado em suas águas, um local que poderia envolver o esporte e a formação de futuros profissionais da área.

A transformação de uso, no entanto, não se processou de forma efetiva e as competições aquáticas hoje já não mais fazem parte da paisagem do Açude. Por outro lado, naquele momento ainda havia parte da população que usava o Açude Velho mesmo

¹ O clube aquático era um atrativo ao município que teve o seu período de tempo definido. Como afirma Almeida (2010) Após uma chuva torrencial no ano de 1970, parte da sua estrutura foi destruída e o Clube Aquático deixou de existir já que seus responsáveis, não quiseram reconstruí-lo.

poluído com objetivo de garantir parte de seu sustento, já que era tido como única alternativa naquele momento.

Nesse período esse corpo hídrico poderia ser visto como um lugar de atração, convidando aos campinenses e regiões circunvizinhas a se fazerem presente como parte integrante do meio advindo da prática esportiva. Mas, essa tentativa como noticiada nos jornais da época não teve totalmente um bom êxito impossibilitando o esporte aquático na lâmina d' água.

3.4 Os discursos da modernidade e da preservação histórica – o Shopping Center e o tombamento do Açude.

Nas análises feitas nos documentos pesquisados, foram encontrados discursos antagônicos sobre o Açude Velho em espaços-tempos muito próximos. Evidentemente que esses posicionamentos opostos podem ter surgido um em reação ao outro. Assim, cabe refletir sobre a força dos discursos que se tornam materialidade através do que foi observado nas pesquisas sobre o Açude Velho.

Segundo a reportagem do Diário da Borborema de 1 de Abril de 1988, foi apresentado na Câmara de Vereadores de Campina Grande um projeto de lei que propõe o tombamento do Açude Velho figura 20. A principal justificativa se refere ao fato de que este corpo hídrico foi o responsável pelo abastecimento da cidade por um longo período de tempo, sendo assim considerado como patrimônio histórico. Imaginava-se que com essa iniciativa, nenhuma obra urbanística venha a atingir ou transformar o Açude Velho, segundo relata vereadores da época.

Figura 20: Tombamento do Açude Velho



Fonte: Diário da Borborema, 1 de Abr/1988

Acompanhando a proposta de tombamento, foi pensado que o Açude Velho passasse por um tratamento paisagístico, ampliando o conforto para os campinenses praticarem esportes e desfrutassem de uma área de lazer entorno do reservatório, com o alargamento do calçadão circundante e nova arborização.

Em contrapartida ao tombamento do Açude Velho é exposto pelo Diário da Borborema de 2 de Junho de 1988 o interesse em transformar parte do reservatório em área para construção de um Shopping Center figura 21. Durante vários meses esse assunto é tratado pelos órgãos públicos e pela sociedade campinense. A empresa indica que, caso aprovado na Câmara de Vereadores, o Açude Velho se tornaria um empreendimento com 42 mil metros quadrados.

Figura 21: Shopping no Açude Velho



Fonte: Diário da Borborema, 2 de Jul/1988

Independentemente do processo sociopolítico ocorrido à época, evidenciado nas páginas do Jornal do Diário da Borborema, com o uso de termo como “negociata” e “mutreta”, a verdade é de que o discurso da modernidade da construção do Shopping Center sobre o Açude Velho não foi materializado.

Por isso, ainda temos no século XXI como marca da paisagem da cidade de Campina Grande, a lâmina d’água do Açude Velho. O Açude passa por um processo já antigo que busca torna um dos cartões postais de Campina Grande em um ponto turístico cada vez mais atrativo a cidade, que seja deslumbrado e exaltado pela sua beleza e encantamento.

Isso nos mostra que os projetos previstos e sugeridos para transformação do uso no reservatório não tem sucesso. Assim, o Açude Velho persiste em sua lâmina d’ água a não ter nenhuma marca do “modernismo” de novas construções ou transformações de Shopping ou mesmo de tombamento histórico.

Mas uma vez a cidade híbrida mencionada por Swyngedouw (2009) resiste às modernizações e avanços tecnológicos de uma sociedade globalizada, que investe mais no capital em busca do seu lucro. Sem preocupação com os fatores ambientais, de necessidade coletiva para um convívio harmonioso em sociedade, com pode ser observado no debate sobre a sustentabilidade.

3.5 As representações sobre o Açude Velho no fim do século XX: os discursos sobre a Limpeza do Açude Velho

São várias as diretrizes abordadas quando se pensar na poluição do Açude Velho, são distintos os discursos, olhares, alternativas, soluções e embates, muitos deles ainda sem sucesso mesmo no século XXI.

Reafirmando isso, o Anuário de Campina Grande de 1982, noticia um encontro realizado em 1978 na Universidade Federal da Paraíba, no campus de Campina Grande sobre a problemática desse corpo hídrico, com a participação de vários especialistas, pesquisadores, moradores do município, técnicos, ecologistas, e pessoas interessadas na resolução dessa problemática.

No relatório elaborado durante o evento, os pesquisadores irão enumerar alguns possíveis problemas ocasionados na poluição das águas do Açude Velho, são eles:

- 1) Poluição provocada por efluentes de tanques sépticos (fossas) descarregados nas galerias de águas pluviais e eventualmente, esgotos brutos também lançados nas referidas galerias;
- 2) Resíduos sólidos lançados no Açude através de galeria de águas pluviais do Canal das Piabas ou ainda diretamente pelas oficinas mecânicas ou residências existentes nas proximidades do lago;
- 3) Detritos oleaginosos ou alimentares jogados pelos postos de gasolina, oficinas mecânicas ou lanchonetes situadas às margens do Açude;
- 4) Produtos químicos usados no combate às plantas aquáticas e consequente decomposição dessas plantas. (ANUÁRIO de Campina Grande-1982)

Visando assim, a mudança na materialidade o Açude Velho vem demonstrado fatores poluidores e prejudiciais, que poderiam ser diferentes e benéficos à sociedade. Mas vale ressaltar também que diante dos problemas enumerados é visível a participação da população diretamente nessa poluição.

São fatores naturais, mas também fatores sociais, do cotidiano, do dia a dia dos próprios campinenses. Ou seja, os problemas não são meramente provocados por meio dos fenômenos naturais, mais devido à falta de conscientização da própria sociedade que poluir seus reservatórios e consequentemente são prejudicados por isso.

Portanto, o relatório elaborado em 1978 durante esse debate dos pesquisadores, leva em conta não só para o problema, mas ainda são sugeridas 8 (oito) recomendações:

- 1) Preservar, por todos os meios, o reservatório d'água dada a sua importância histórica, social e urbana;
- 2) Conscientizar a população sobre a necessidade de evitar a poluição do Açude, e as suas vantagens;
- 3) Estudar a viabilidade de desviar do Açude as fontes de poluição identificadas e de manter o espelho d'água após a eliminação dessas fontes;
- 4) Evitar a aplicação de herbicidas na erradicação das plantas aquáticas visto tratar de se forte poluente, representando sério risco para os consumidores de peixes pescados no manancial;
- 5) Analisar o grau de contaminação dos peixes existentes no Açude a fim de se decidir sobre a conveniência ou não de se proibir a pesca naquele logradouro;
- 6) Estudar a possibilidade de drenagem constante naquele manancial com foi feita na administração do prefeito Edvaldo Cruz, quando se retirou do Açude, como forma de minimizar a poluição existente;
- 7) Utilizar redes flutuantes para retirada de plantas aquáticas em caráter permanente;
- 8) Adoção de rigorosas sanções através de legislação específica, contra os responsáveis pela poluição do Açude. (ANUÁRIO de Campina Grande-1982).

São recomendações cabíveis para solução de limpeza do Açude Velho figura 22, que remete para um olhar crítico dos problemas ocasionados, apontando para um norteamento quanto às soluções ou nesse caso instruções favoráveis. Destacamos a sugestão de número 1 quando fala da importância histórica do Açude Velho, ao qual nossa pesquisa remete e vem sendo reafirmada nessa sugestão, dá necessidade que se tem de fatores históricos para compreensão das ocasiões.

Figura 22: A limpeza do Açude Velho



Fonte: Anuário de Campina Grande de 1982

É essa uma das possibilidades que oferece a Geografia Histórica de uma interpretação e leitura mais aprofundada da paisagem em termos da comparação do passado por meio da História com o presente possibilitado pela Geografia como nos afirma Abreu (2014).

Em 1982, com a situação ainda mais agravada quanto à poluição do reservatório, são pensadas soluções. Em outra tentativa de salvar esse corpo hídrico, um grupo de ecologista propôs aos poderes públicos do município 10 (dez) sugestões que se fossem adotadas poderiam despoluir o reservatório. Sendo assim, a “Gazeta do Sertão” no dia 16 de outubro de 1982 como base nessas sugestões iniciou uma campanha em favor do Açude Velho.

Já, em entrevista ao Jornal Diário da Borborema de 9 dezembro de 1988, o professor Josemir Vasconcelos Castro da Universidade Federal, afirma que para a limpeza do Açude Velho o método mais viável seria a utilização de cal virgem figura 23 após sua dissolução, neutraliza o PH da água, provocando sedimentação no desaparecimento do mau cheiro. Um método simples e barato que resolveria as crostas formadas pela impureza dos esgotos despejados.

Figura 23: A salvação do Açude Velho



Fonte: Diário da Borborema- 9 de Dez/1988

Em contra partida a prefeitura Municipal de Campina Grande busca solucionar o problema do mau cheiro do manancial com equipamentos da Companhia de Águas e Esgotos da Paraíba- CAGEPA que provoque a circulação das águas do logradouro.

São alternativas viáveis e de baixo custo, com a retirada da crosta acumulada na superfície do reservatório, provocando o bombeamento de sua massa líquida solucionado um dos problemas que é o mau cheiro. (Diário da Borborema, 9 de dezembro de 1988).

São variáveis as alternativas e soluções expostas nos noticiários e pensadas para limpeza do Açude Velho. Os discursos apresentados em suas determinadas épocas nos fazem refletir que mesmo com todos os acontecimentos existentes, permanece certa preocupação quanto à purificação dessa lâmina d' água, sendo que nenhum noticiário foi identificado com alguma solução de limpeza concreta.

De acordo com o relatório de posse da Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente de Campina Grande (COPLAN, 1989) foi relatado o interesse para o desenvolvimento de trabalhos voltados à recuperação das águas do Açude Velho.

O principal objetivo do projeto seria a construção de ramais prediais que promoveriam a ligação da rede pública de esgotos dos imóveis para uma diminuição nos lançamentos nas galerias do Açude Velho, mas nada, até aquele momento havia sido providenciado e não é de alcance público e acadêmico, dados que reforcem situação em que se encontrava o Açude Velho naqueles tempos.

Embora a situação do mau cheiro tenha sido resolvida com o passar dos anos, os debates sobre a poluição das águas permanece até os dias atuais. Em 2015, frente ao grave problema de estiagem e abastecimento de água da cidade de Campina Grande, mais uma vez a qualidade das águas do Açude Velho é trazida ao debate, como pode ser percebido em entrevista do pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido (INSA) Salomão de Sousa Medeiros. Nesta entrevista, o pesquisador defende “a purificação do Açude Velho” como alternativa para amenizar a crise de abastecimento de água que tem atingido Campina Grande nos últimos meses (JORNAL DA PARAÍBA 2015).

Interessante observar os diferentes discursos apresentados nesses diferentes espaços-tempos. Na década de 1980, o debate sobre a limpeza parecia se resumir a soluções para acabar com o mau cheiro que exalava do Açude. Em 2015, o debate já inclui a necessidade de se discutir o uso da água do Açude, elemento que não aparecia nos discursos dos jornais pesquisados na década de 1980.

Essa diferença de discurso nos permite fazer diferentes análises sobre o tema. Parece-nos que na década de 1980 o debate sobre sustentabilidade ainda não parecia completamente absorvido como discursos social. Se isso for verdade, o importante era acabar com o problema do mau cheiro e não necessariamente pensar em rever a qualidade da água e do ambiente do Açude Velho.

A ideia que parece existir é de não se acreditar mais em reversão da poluição da água para uso. Isso pode ser exemplificado pela lei que proibiu a pescaria no Açude Velho. Afinal,

esta legislação não parece ter sido acompanhada de preocupação de ações que permitisse o retorno de peixes saudáveis ao Açude.

Por outro lado, nos dias atuais, com uma grave crise de abastecimento, com a população campinense bem maior do que as dos anos de 1980, com a grande capacidade tecnológica e com o discurso dos problemas ambientais sendo mais presentes na sociedade, se pensa no Açude Velho retomando sua primeira função, a de abastecimento de água.

Essa diferença de discurso captada em dois tempos pode explicar as transformações que vieram e virão na realidade do Açude. Na década de 1980, se pensava em resolver o mau cheiro e isso foi resolvido, mas não se pensava, ou isso não foi escrito nos documentos históricos analisados, em tornar as águas do Açude novamente limpas.

Assim, as águas do Açude chegaram a 2015 ainda sujas. No entanto, neste momento surge o debate sobre a melhoria da qualidade dessas águas. É possível que esse discurso transforme a realidade atual em tempos futuros. A conclusão sobre o que esse discurso foi capaz de alterar a materialidade do Açude só poderá ser escrita em um novo intervalo de tempo.

3.6 Projeto de conscientização sobre poluição do Açude Velho - 2012

Não precisamente analisados em matérias de jornais, mas vale ressaltar que em meio a tantos debates já mencionados sobre materialidades e representações envolvendo o Açude velho, surgiu no ano de 2012, mais uma finalidade de uso no reservatório.

Para isso, foi construída uma ponte de 147 metros de extensão figura 24, confeccionada de garrafas plásticas sobre o Açude velho.

Figura 24: Ponte de garrafa pet no Açude Velho



Fonte: G1 Paraíba (2012)

O objetivo dessa ponte era de conscientizar a população sobre a poluição do corpo hídrico, permitindo, além disso, os visitantes fazer travessia sobre o Açude.

Nesse andamento é o discurso da sustentabilidade que toma um novo véis as águas do reservatório. A materialização está envolvendo a reutilização de materiais reciclagem, pode-se pensar que devido o advento do “um mundo sustentável” as iniciativas e projetos desenvolvidos também tentam acompanha essa nova realidade social de grande visibilidade na atualidade.

Esse projeto foi uma iniciativa de um coletivo cultural da região, onde foram utilizadas oito mil garrafas pet de dois litros, compondo 50 blocos que ligam duas extremidades do Açude, do Centro Universitário de Cultura e Arte à Casa da Cidadania.

O projeto atraiu várias pessoas, que no momento da travessia foram sendo orientados sobre a revitalização do Açude e seus problemas de poluição. As visitas acontecem sobre a monitoria do corpo de bombeiro, os materiais coletados foram arrecadados coletivamente pelos campinenses e no final da desmontagem da ponte foram distribuídas as garrafas aos catadores da cidade. Devido ao tempo de utilidade das garrafas a ponte teve um prazo previsto para desmontagem, como afirma em matéria ao Jornal da Paraíba (2012) os organizadores do projeto.

Esse projeto estabelecido no ano de 2012 ressalta mais uma vez o discurso sobre sustentabilidade juntamente com alguns métodos de reciclagem. Portanto, a materialidade que o Açude Velho no ano de 2012 apresenta é de um reservatório para atração aos campinenses e regiões circunvizinhas de maneira sustentável.

A iniciativa desse projeto representa além de uma forma de diversão, lazer e cultura a sociedade, todo um embate por trás, de tornar visíveis os fatores que acarretam a poluição em busca de uma revitalização ao manancial no ano de 2012.

Foram diversos os usos e finalidades encontrados nos noticiários analisados referentes algum evento ou acontecimento no Açude Velho. Compreendemos que ao longo dos tempos os discursos e materialidades identificadas se enquadram a alguma intenção específica em seu determinado período espaço- tempo.

Observamos ainda, que o reservatório se tornar cenário dessas mudanças e transformações, abrangendo também o espaço onde está localizado que terá participação nessas ocorrências. Assim, como a próprio sujeito que não pode ser separado ou estudado unicamente sem o meio, portanto estamos diante dessa representação e materialidade no corpo hídrico.

Deste modo, percebemos também a necessidade na utilização da Geografia Histórica para um aprofundamento nesse estudo que visa na interpretação da representação e da materialidade do Açude Velho em tempos passados por meio dos noticiários identificados no Jornal Diário da Borborema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar a Geografia Histórica como tema principal desde trabalho é levar em consideração uma das finalidades desse ramo do conhecimento, ao considerar a análise integrada da dimensão espaço/tempo, nesse caso da memória das cidades e seus elementos naturais, com ênfase para os corpos d' água da cidade de Campina Grande.

Pesquisas com registros históricos é de fato um grande desafio, já que nem tudo fica registrado ou será disponibilizado. Percebemos, além disso, que ainda existe uma escassez e carência muito grande de trabalhos relacionados a esse tema. Esperamos também com isso contribuir para mudança desse cenário e despertar interesse para outras pesquisas futuras sobre essa temática.

São diversas as representações e as materialidades identificadas sobre o Açude Velho que nos permitiram uma compreensão maior quanto às transformações e permanências desde o início da construção do reservatório.

Como sabemos o Açude Velho inicialmente foi construído para o abastecimento humano, conseqüentemente esse uso inicial foi desaparecendo. No Jornal Diário da Borborema, entre os anos de 1984 a 1992, os noticiários analisados nos mostram esse desaparecimento e algumas das suas novas representações e materialidades.

A poluição do corpo hídrico, que já é resultado de um tipo de representação comum nos corpos hídricos nas cidades, acabou por materializar os seus usos e suas finalidades, isso limitava o que seria mantido e como seria visto o Açude Velho.

Seria a poluição um dos fatores mais prejudiciais nessa lâmina d' água, vale ressaltar que a própria sociedade por falta de conscientização e informação contribui para isso. É necessário um estreitamento entre o indivíduo e o meio, preservando assim os seus corpos d' água e entendendo a importância dos mesmos.

Foram diversos os projetos, pesquisas, estudos, soluções que pudessem por um fim ou até mesmo amenizar a poluição do Açude. Essas iniciativas se iniciaram alguns anos após a sua construção quando o Açude se apresentou poluído, até hoje, não teve êxito.

É interessante observar que ainda na atualidade permanece essa mesma materialidade de anos atrás, o reservatório que temos hoje pode ser considerado com as mesmas águas poluídas de décadas atrás. O Açude Velho é tido como um cartão postal da cidade de Campina Grande. No entanto, parece ser mais importante que esse corpo hídrico

permaneça como ambiente de contemplação e de promoção de valorização da cidade, e não necessariamente que as suas águas tenham melhor qualidade e uso.

Apresentou-se através dos resultados desta pesquisa que o caminho percorrido entre materialidade e representação, e vice-versa, é marcante na transformação de qualquer paisagem, na produção do espaço geográfico. A representação e a materialidade não são feitas apenas de intervenções físicas no Açude Velho e em suas imediações, pode ser percebida também na reconfiguração da paisagem.

Tudo isso que foi observado através dos jornais analisados, é resultado da ação humana sobre a natureza ao longo do século XX, que valorizou mais as construções artificiais, do que os cuidados com os elementos naturais.

O século XX, marcado pela superioridade da ação humana sobre a natureza, acaba por deixar marcas no espaço-tempo dessa representação e o Açude Velho de hoje resulta também disso. Já, que é possível observar as marcas deixadas em sua paisagem que acarretaram de algum evento ou acontecimento passado.

Pensando em mudanças para esse cenário de perdas ambientais, já no limiar do século XX e início do século XXI, a temática ambiental com ênfase na sustentabilidade ganha força no cenário mundial. Assim, acredita-se que a construção do Açude Velho do futuro passa pela representação do que a sociedade campinense quer nos dias de hoje, que parece ser mais ambientalmente adequado. Refletirmos nesse caso sobre o ambiente levando em consideração os debates com norteamericanos para a questão da sustentabilidade.

Identificamos que no decorrer do tempo foram diversos os usos específicos no corpo hídrico, portanto, o objetivo principal dessa pesquisa foi alcançado. Isso nos faz refletir também que cada análise abrangendo o Açude Velho e suas imediações estarão relacionadas ao processo urbano da cidade de Campina Grande.

Como já mencionado por alguns estudiosos, seriam as redes hídricas também responsáveis por esse processo de crescimento urbano em diversas cidades do mundo. No Açude Velho e em Campina Grande não é diferente, para esse crescimento urbano é necessário um enquadramento e adequação do reservatório para acompanhar essa dinâmica. Portanto, o Açude é construído no início com uma finalidade, mas os acontecimentos e eventos em sua área acabam por direcionar ou impor outros usos até entanto não pensados.

Acreditamos que nossos esforços não foram em vão e a identificação de alguns dos usos do Açude Velho são de extrema importância para entendermos no presente como ocorreram seus eventos passados, nesse resgate histórico a partir da Geografia Histórica.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades, in org. FRIDMAN Fania e HAESBAERT Rogerio, **escritos sobre espaço e história**, Rio de Janeiro: Garamond, 2014, 464P.

ACSELRAD, Henri, **Sentidos da sustentabilidade urbana**. In: ACSELRAD, Henri (org). A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas 2. ed.- Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. 43- 70 p

ALBUQUERQUE, Adriana Cavalcanti. LINS, Regina Dulce Barbosa. **A valorização imobiliária na avaliação do estudo de impacto de vizinhança** “IV CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO “Desafios para o Direito Urbanístico Brasileiro no Séc. XXI” 2006.

ALMEIDA, Fernando. **Os desafios da sustentabilidade: uma ruptura urgente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ANUÁRIO DE 82. **Açude Velho, o eterno problema da poluição**. Anuário de Campina Grande 82, Campina Grande, s/d Dez. 1982.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: Teoria e exercícios**. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História/ Severino Cabral Filho**. –Campina Grande, UFCG, 2009.

CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira. **Os Descaminhos das Águas na Metrópole: a Socionatureza dos Rios Urbanos**. Dissertação (Doutorado em Geografia). Departamento de Ciências Geográficas – Faculdade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2011. 184 p.

COPLAN – **Coordenadoria de Planejamento: Projeto de recuperação da qualidade das águas do Açude Velho, 1ª fase**. Prefeitura Municipal de Campina Grande. Campina Grande – PB, 20 de Out. 1989.

FERREIRA, Leila da Costa. **A questão ambiental: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Boi tempo, 1998.

GARCIA, R. M. de P. **Representações sociais e o turismo: consubstanciação de geossímbolos**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.182-194, ago. 2015.

GIL, Antonio, Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. **Rios e cidades: Ruptura e Reconciliação**. São Paulo: Ed. Senac, 2010.

JOFFILY, Irineo. **Notas sobre a Parahyba**. Brasília: Thesaurus. 1892.

JORNAL DA PARAÍBA, **água de açudes pode reduzir crise em Campina Grande**, diz INSA. G1, Campina Grande, PB, 14 de Julho de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/07/purificar-agua-de-acudes-pode-reduzir-crise-em-campina-grande-diz-insa.html>> Acessado em: 01 de Janeiro de 2016.

JORNAL DA PARAÍBA, **ponte feita de garrafas plásticas sobre açude atrai curiosos na Paraíba**, Campina Grande, PB, 15 de Maio de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/05/ponte-feita-de-garrafas-plasticas-sobre-acude-atrai-curiosos-na-paraiba.html>> Acessado em: 22 de Janeiro de 2017.

Jornal Diário da Borborema, **Cal remédio para salvar açude**. Jornal diário da Borborema, Campina Grande, 3 dezembro de 1988.

Jornal Diário da Borborema, **Com a liberação, pescadores vão ao Açude Velho garantir o peixe**. Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 2 de Abril de 1984.

JORNAL Diário da Borborema, **Mau cheiro o Açude já incomoda cidade**. Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 4 de Fevereiro de 1986.

JORNAL Diário da Borborema, **Novamortandade de peixes no A. Velho**. Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 14 dezembro de 1984.

JORNAL Diário da Borborema, **Projeto, prevê construção de shopping center no A. Velho**. Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 2 de junho de 1988

JORNAL Diário da Borborema, **Tombar, o açude**. Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 1 de abril de 1988

JORNAL, Diário da Borborema, **Açude velho pode ser opção de lazer**. Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 3 de março de 1985.

LIMA, Rosilene Silva A. de. BURITI, Catarina de Oliveira. BEZERRA, Hallyson Alves. PATRÍCIO, Maria da Conceição Marcelino. Abastecimento de água em 57 Campina Grande (PB): um panorama histórico. In: **Campina Grande hoje e amanhã**/ Antônio Guedes Rangel Junior; Cidoval Moraes de Souza. – Campina Grande: EDUEPB, 2013, P. 15-28.

LIMA, Valéria. AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. **Importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades** Revista Formação, nº13

LIRA, Rony Soffiantini. DANTAS, Ivan Coelho. CAVALCANTI, Mário Luiz Farias. BARROS, Maria José Benício. LIRA, Vanda Maria. CARNEIRO, Paulo Torres **Diagnóstico paisagístico do Parque da Criança em Campina Grande, PB**. REVISTA DE BIOLOGIA E CIÊNCIAS DA TERRA ISSN 1519-5228 Volume 4 - Número 1- 1º Semestre 2004

MAIA, Doralice Sátyro. GUTIERRES, Henrique Elias Pessoa. SOARES, Maria Simone Moraes. **A iluminação pública da cidade da Parahyba: século XIX e início do século XX Fênix –Revista de História e Estudos Culturais** Abril/ Maio/ Junho de 2009 Vol. 6 Ano VI nº2

MARICATO, M. E. T. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIKHAILOVA Irina. **Sustentabilidade:** Evolução dos Conceitos Teóricos e os Problemas da Mensuração Prática. Revista Economia e Desenvolvimento, nº 16, 2004.

PADINHA, Marcel Ribeiro. **A verticalização da imponência e a negação do espaço.** In: Revista GeoAmazônia – Belém, n. 01, v. 01, jan./jun. 2013.

PEREIRA, Matusiana Victor. **A estrutura urbanística no entorno do Açude Velho em Campina Grande- PB.** Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Geografia) Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação. 2014, 37 p

PEREIRA, Sidclay Cordeiro. **Caminhos na resistência- O espaço do recife durante a ocupação neerlandesa (1630- 1637) em Pernambuco (Brasil)** 2006.

POLLAK, Michael. **Memórias, esquecimento, silêncio.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te não conhece mais:** Arquitetura e cidade Campina Grande em transformação (1930-1950). Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos. São Paulo, 2008.

RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>> Acessado em Dezembro de 2016

REVISTA Atual Campina Grande 125 Anos de História. **Do passado glorioso contra a seca ao amargo esquecimento do presente,** Campina Grande, s/d Outubro de 1989.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo; razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1999. 3ª ed.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos históricos e metodológicos da Geografia.** São Paulo, 1988

SOJA, Edward. W. G **Geografias Pós-Modernas – A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 1993. 326p.

SÓLIDO, Marlene Branca. **Responsabilidade social e sustentabilidade no contexto do século XXI.** ALCEU – v. 13 – n. 26 p. 176 a 192 – jan/ jun. 2013.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **A Identidade da MetrÓpole:** a verticalização em São Paulo. São Paulo, Hucitec; EDUSP, 1994.

SWYNGEDOUW, E. **A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização-cyborg”.** In: ACSELRAD, H. (Org.) A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009